

Otávio Delamaza

58 15

Prefácio

PAULO FRANCIS

Berço do Herói
Dias Gomes

O BERÇO DO HERÓI de Dias Gomes, é uma comédia política, onde o mito do heroísmo vai pelos ares depois de examinado pelo autor à luz dos interesses da classe dominante em nosso País. O Cabo Jorge morreu como herói, na FEB. Sua cidadezinha do interior apropria-se do seu nome. O chefe local usa-o para obter verbas federais; o prefeito, para aumentar as rendas do município; o padre, para suas quermesses e atividades congêneres — o povo diz à boca pequena, que o Senhor do Bonfim inspirou Jorge em sua arrancada contra os alemães; a prostituição está em plena expansão capitalista com o fluxo de turistas; o Exército deu a um de seus batalhões o nome do herói. Mas o herói está vivo; ferido em combate, tornou-se desertor, só resolvendo voltar à sua terra quando é concedida anistia (esta palavra, no Brasil, hoje em dia, tem um sabor levemente arcaico). Daí os interesses que exploravam o mito unirem-se para mantê-lo, isto é, para destruir o verdadeiro Cabo Jorge.

Esse, o tema político do texto. Jorge comenta que, se é livre, tem o direito de dispor de sua liberdade, o que a classe dominante não permite. Dias Gomes já usara, dramaticamente, essa contradição entre a liberdade formal e a exploração do homem em O Pagador de Promessas. Aqui, repete-a cômica, mas o resultado, para bom entendedor, não se altera. A liberdade formal, até esta, cessa de existir em nossa sociedade no momento em que contraria

os donos do mercado. Nenhum dos implicados em negociar o heroísmo do Cabo Jorge pode aceitar a realidade sem que desmorone a ordem social vigente.

Dias Gomes é um autor à procura de um estilo, como, aliás, a maioria dos dramaturgos que contribuíu para esboçar o teatro brasileiro da era posterior à chanchada e do luso-tropicalismo dramático. Seu problema é superar o realismo moderno sem, entretanto, deixar de transmitir ao público uma realidade política. Em *A Invasão* deu um passo forte nesse sentido: a massa protagonizava a ação, enquanto que a maioria da crítica, tãlamente queixou-se da inexistência de "caracterizações psicológicas profundas".

O realismo moderno procura fundir a auto-suficiência psicológica das personagens com as forças que controlam a sociedade. Mas o chamado "psicologismo", no entender de autores com Brecht, tende a provocar uma empatia de público e palco que obscurece as condições objetivas, as circunstâncias que motivam a ação. Daí o farto uso que Brecht faz de elementos externos, sua repulsa às surpresas da "intriga", etc. Mas ele próprio sentiu a necessidade de equilibrar a balança entre esse teatro sociológico e a individualização recomendada por Aristóteles. fato verificável em sua peça mais importante, *Galileo, Galilei*. O problema não é de fácil solução, o que está longe, porém, de justificar a reação anti-realista de Ionesco e semelhantes que, a pretexto de atualizarem o teatro dentro do caos contemporâneo, tentam reduzi-lo à mudez e ao obscurantismo.

É sensível em *O Berço do Herói* o propósito do autor de subordinar caracterização psicológica ao efeito coletivo das forças em choques. Ele usa o quíprocó, a caricatura, a música e outros efeitos alheios à empatia tipicamente realista. Mas nem sempre consegue harmonizá-los no conjunto, pois algumas caracterizações são completas, como a de Antonieta, a viúva inconsolável do herói, o que nos faz exigir, por exemplo, que o padre e o general sejam também observados como pessoas e não apenas, o que acontece, como elementos de uma equação política. Já o desfecho, a inauguração de mais um estabelecimento da livre empresa em Cabo Jorge, parece-me um momento raro de comédia satírica no teatro brasileiro, lembrando o melhor Wedekind. Idem, a ambigüidade do padre, que aceita dinheiro dos bordéis para obras de caridade ao mesmo tempo que se obstina em fechá-los, sem que se dê conta de qualquer contradição em sua conduta.

O herói tem o seu grande momento diante das prostitutas: "Vivemos tempos que não são os nossos / aprendemos línguas que jamais seremos capazes de falar / caminhamos para um mundo onde sucumbiremos de tédio / embora por êle tenhamos lutado. / Os que vieram antes de nós / nos roubaram tôdas as causas / tôdas as bandeiras / e somente uma opção nos deixaram / os que vieram antes de nós: / o Sexo ou a Revolução". É difícil que qualquer intelectual da presente geração deixe de se encontrar em alguma dessas frases, que mostram um Dias Gomes registrando a decadência do *Zeitgeist*, perfeitamente cõscio das seduções do inimigo. E há outra peça aqui. Mais tarde, talvez, êle venha a escrevê-la.

As contradições estilísticas de Dias Gomes, como as dos outros autores sérios de sua geração, pedem um contato permanente com o palco para que possam ser resolvidas. Só o método de tentativa e erro, do qual o público é peça indispensável, pode levá-lo a uma obra completa. Há poucas possibilidades dêsse happy-ending num futuro próximo. O teatro brasileiro só funciona na base do "balcão", do prestígio internacional (de autores que, quase sempre, limitam-se a arranjar idéias sérias, à maneira de Arthur Miller e Tennessee Williams) ou dêsse amadorismo que consegue nivelar os clássicos a Pedro Bloch ou Pongetti. Quanto ao Estado, o atual, parafascista, nada fica a dever aos anteriores, supostamente "populares". Sua indiferença ao teatro verdadeiro é total. O marechal Castello Branco, por exemplo, é dado pelos aduladores profissionais como "amante do teatro". Isto significa que prestigia, com sua presença, comédias americanas de exportação. Até o momento, êle permanece virgem de presença em espetáculo com texto brasileiro de qualidade, o que, aliás, é perfeitamente coerente com os objetivos do regime cuja canga suportamos.

Assim, o surto de renovação que teve início na década de cinquenta tende a estagnar-se, pois o mercado lhe fechou as portas, enquanto que o Estado atual esmera-se, em todos os setores, em ser subserviente ao mercado. Dias Gomes fez bem em concluir *O Berço do Herói* num bordel autêntico. Do falso, estamos todos até o pescoço, temendo até falar, como a personagem da anedota célebre. E é como metáfora do Brasil de hoje que *O Berço do Herói* poderia ser aproveitado, se ainda existissem empresários aventureiros. O heroísmo como filho dos public-relations é o tema do dia. O assunto na vida real dá bons dividendos em dólares e ganha biografia de Revolução com financiamento de papel pelo Governo.

A peça é, naturalmente, subversiva. O Cabo Jorge teve medo da guerra, quando é sabido que o militar local nunca tem medo, em particular o egresso da FEB (sem êle, a Itália não teria caído diante dos Aliados), hoje assentado no poder. E verdade que Jorge é cabo e não oficial, o que talvez explique sua fraqueza. Mas, apesar dessa ressalva, o assunto permanece perigoso. O dolmã, ou a japona, se preferirem, virou uma espécie de manto sagrado em nosso País. O homem que a veste passou a ser o legítimo concessionário da moralidade, especialista em economia, reforma agrária, educação, etc. O Cabo Jorge errou, o General que o acoberta, idem. São pensamentos heréticos que o autor deitou no papel. Por muito menos, diversos assistentes de torneiros, auxiliares de mecânico e outras figuras de grande influência na vida do Brasil se viram privados de seu sustento, punidos pela Nova Ordem. E Dias Gomes deve lembrar-se da frase de Goering, tantas vezes convertida em atos depois do 1º de abril: "Quando ouço falar em cultura, sinto vontade de sacar o revólver". Esta é a Ordem do Dia do Brasil de hoje.

3 de novembro de 1964.

O Berço do Herói

PERSONAGENS:

Antonieta
Major Chico Manga
Vigário
Prefeito
Lilinha
Juiz
Vendedor Ambulante
Rapariga 1
Rapariga 2
Mulher Grávida
Matilde
Menino da Metralhadora
Menino do Revólver
Cabo Jorge
General
E mais uma Surda-muda e o povo de Cabo Jorge.

Época — 1955

Algumas Palavras Sôbre...

*
A PEÇA

QUE É ISTO? Uma comédia? Um drama? Uma tragédia? Talvez seja uma comédia com um *back-ground* trágico. *Back-ground* que cresce, à proporção que a peça se desenvolve e chega mesmo a ditar o clima de algumas cenas. Mas nem por isso deve constituir uma tônica na linha geral do espetáculo. Essa hibridez é proposital e jamais deverá ser eliminada, pois, através dela, muita coisa há a dizer. Ainda no que diz respeito à forma, o épico é, freqüentemente, quebrado por um tom de comédia doméstica. É um contraste que serve à idéia central da peça e à visão que ela pretende apresentar do mundo.

O CENÁRIO

Deve ser resolvido com elementos essenciais, de molde a fornecer os seguintes locais de ação:

Praça com monumento a Cabo Jorge
Casa de Antonieta;
O velho bordel;

*O nôvo bordel;
Parede-tela para projeção;*

e a possibilitar um ritmo ágil, com mutações rápidas, sem cortinas e sem grandes deslocamentos de apetrechos cênicos. Estes devem reduzir-se ao mínimo. A base da cenografia deve ser a praça; a casa de Antonieta e os bordéis serão apenas sugeridos com um ou dois objetos. Seguindo o caráter da própria peça, entretanto, também no cenário o "épico" deve ser quebrado, aqui e ali, pelo "doméstico".

Prólogo

CÔRO
(Surge sob um jato de luz e canta.)

Morreram, morreram todos
de ridículo e de vergonha
ante o advento do herói-definitivo;
humilhados, ofendidos,
morreram, morreram todos
os personagens da tragédia universal.
Voltamos, voltamos ao côro
— símbolo do destino comum.

Há um botão atravessado
na garganta do universo —
— é o gogó da humanidade,
é o gogó de Deus.

Não é botão que se abra em flor,
que desabroche em vida e perfume,
não é botão que adorne a camisola
da noiva desejada

e desabotoe em prazer e amor
ao doce apêlo da fecundidade;
é o contato fatal entre dois pólos,
fim de todos os fins.

Botão que espera
o dedo assassino,
exterminador,
que o virá premir
e o fará parir
o feto atômico.

Eternidade — palavra sem nexos,
céu, inferno, juízo final — nada disso haverá:
Deus virou botão, botão de contato,
Deus virou comutador
e a humanidade se curva e ora
ao deus-botão,
ao deus-comutador.

De que cor será?
Vermelho, azul, lilá?
De que cor será,
de que cor será
o botão que nos mandará
a todos para o nada?

Sobre a tela, projeta-se o filme:

Campo de batalha (noite).

- 1 — Bombardeio. Fogo de artilharia.
- 2 — A trincheira brasileira.
- 3 — CABO JORGE entre os soldados entrincheirados.
- 4 — O bombardeio é terrível.
- 5 — A trincheira brasileira é violentamente bombardeada. Os soldados estão quase tomados pelo pânico.

- 6 — Explode uma granada: CABO JORGE quase é soterrado.
- 7 — O rosto de CABO JORGE reflete a gravidade da situação.
- 8 — A trincheira continua a ser duramente castigada pelo bombardeio.
- 9 — CABO JORGE olha em torno, sente que é preciso tomar uma decisão.
- 10 — CABO JORGE galga o alto da trincheira, subitamente, ante os olhares estarecidos dos soldados.
- 11 — No alto da trincheira, brandindo o fuzil, CABO JORGE solta um terrível grito de guerra, um grito selvagem, alucinado e precipita-se contra as linhas inimigas.
- 12 — Brandindo o fuzil e gritando sempre, CABO JORGE corre em direção às posições adversárias. Em meio do caminho é metralhado.
- 13 — CABO JORGE cai, varado pelas balas.
- 14 — Encorajados pelo heroísmo de CABO JORGE, os soldados brasileiros abandonam a trincheira e avançam em massa.
- 15 — O corpo de CABO JORGE estendido ao solo e as botas dos soldados brasileiros que saltam sobre ele. São dezenas, passando ininterruptamente, para o ataque, para a vitória, que a música descreve em tons wagnerianos, até o leiteiro surgir, em superposição:

FIM

Apaga-se a tela. A iluminação muda. Estamos agora na praça, diante do monumento a Cabo Jorge. O monumento está coberto pela bandeira brasileira. Junto a ele, sobre um pequeno palanque, Antonieta, toda de preto, um véu cobrindo-lhe o rosto. Major Chico Manga, Vigário, Prefeito. Populares se aglomeram em volta do palanque. Entre estes, Liliba, Juiz, um Vendedor Ambulante e a Surda-Muda.

Antonieta é mulher de trinta e poucos anos, de beleza um tanto vulgar. Toda ela, aliás, recende a vulgaridade. Uma certa linha, um ar de grande dama que procura manter em público, são inteira-

mente falsos. E, no fundo, ela se sente muito mal quando não está no seu natural, que é o de fêmea inteiramente livre de peias e preconceitos. Suas concepções morais são primitivas e simplistas, custando-lhe muito compreender que deve exercer certo contrôlo sobre seus impulsos sexuais. No entanto, êsse aparente despudor é que lhe dá uma surpreendente humanidade.

O "Major" Chico Manga é o chefe político local. Negocista, demagogo, elegendo-se à custa da ignorância de uns e da venalidade de outros, convicto, entretanto, de ser credor da gratidão de todos pelas benfeitorias que tem conseguido para a cidade. E talvez o seja, até certo ponto. É dessa classe de políticos — bem numerosa, aliás, entre nós — que acha que o relativo bem que fazem os absolve de todo o mal que espalham. E que se Deus fez o bem e o mal, foi para que coexistissem. O que se deve fazer é tirar o maior proveito possível do mal em favor do bem. Assim, se se permite a prostituição, o jôgo, mas se se cobra uma boa taxa para a igreja ou a Prefeitura, está tudo justificado. Podia-se atribuir a êle aquela célebre frase de um parlamentar patricio: "Política se faz com a mão esquerda na consciência e a direita na merda". O título de "Major" não lhe advém de pôsto militar, mas de seu prestígio e suas posses.

O Prefeito é um homem do Major. Depende inteiramente de seu prestígio e submete-se a êle. Se bem que procure realizar alguma coisa e projetar-se por conta própria, faltam-lhe personalidade e chute. O Major lhe permite posar de autoridade, e êle não é capaz de ir muito além disso. Tenta ser um administrador moderno, mas é, no fundo, um primário.

Padre Lopes, o Vigário, é uma figura contraditória. Tão contraditória quanto a própria igreja católica. É já de meia-idade e os anos que tem na paróquia lhe permitiram assistir ao crescimento da comunidade. É a única pessoa que possui uma visão global dêsse desenvolvimento desigual e desordenado em que, sob os rótulos de progresso e civilização, entram, de contrabando, os germes que irão contaminar a futura sociedade, dita civilizada e cristã. Consciente disso, Padre Lopes trava uma violenta batalha contra o pecado, que cresce como a própria cidade. Sem uma visão nítida do processo histórico, combate os efeitos, esquecendo as causas. Mas é honesto em seus propósitos. Contraditoriamente, sua paróquia se beneficia dessa mesma corrupção que êle combate. Embora pareça, em certos momentos, um fanático, é apenas um obsedado. Essa obsessão, essa

idéia-fixa — o combate às prostitutas que invadem a cidade — é a cristalização de uma revolta, decorrente da consciência que tem de sua importância para impor a própria concepção moral.

Lilinha é um temperamento marcado pela frustração sexual. Foi levada a um voto de castidade, menos por inclinação mística do que pelo desejo de transformar em culto essa mesma frustração. De maneira curiosa, ela se sente justificada dêsse modo. A figura que encarna da "virgem abandonada", sublime em sua renúncia, satisfaz inteiramente à sua vaidade e aplaca a sua histeria. Esta explode, no final, quando ela se sente roubada e ridícula.

MAJOR CHICO MANGA — (*Discursando.*) Foi um herói, minha gente. Um herói de verdade. Graças a êle, as tropas brasileiras na Itália conquistaram seu primeiro triunfo. Graças a seu gesto magnífico, lançando-se de peito aberto contra a metralha, aquêle batalhão, encorajado pelo seu exemplo, levou de roldão as terríveis hordas nazistas. Esta glória, que há de ficar para sempre gravada nas páginas da História, é também nossa, porque foi êste solo que lhe serviu de berço.

PREFEITO — Issô mesmo.

MAJOR — Mas foi preciso que se derramasse o sangue de um herói — e êsse sangue era quase meu, como todos sabem, casado que sou com a tia dêle — para que as autoridades federais tomassem conhecimento dêste lugar, até então esquecido de Deus e dos homens. O feito heróico de Cabo Jorge atraiu para esta cidade jornalistas, cinegrafistas e turistas de toda a parte. No entanto, é preciso que se saiba também, meus patricios, meu povo, que nada disso teria acontecido se êste amigo de vocês não tivesse, na Câmara Federal, lutado como lutou para trazer até aqui o progresso, as conquistas da civilização cristã.

PREFEITO — Muito bem.

Aplausos. Dois populares levantam uma faixa:

PELO PROGRESSO DE CABO JORGE, VOTE NO MAJOR CHICO MANGA

POPULAR — Viva o Major Chico Manga!

TODOS — Viva!

MAJOR — Sei que não fiz mais do que o meu dever. Não fiz mais do que me mostrar digno de Cabo Jorge — símbolo da coragem, da virilidade e do espírito de sacrifício dos homens desta terra, do mesmo modo que aquela a quem deixou viúva é o símbolo da pureza e da honestidade de nossas mulheres. E ninguém melhor do que ela, a viúva do herói, ninguém mais merecedora da honra de inaugurar este monumento, erigido pelo povo desta cidade ao maior dos seus filhos, Cabo Jorge.

Aplausos. Antonieta levanta o rosto e o véu. Sorri para o povo, um sorriso de declamadora escolar em festa de fim de ano.

ANTONIETA — (*Disfarçadamente, ao Major.*) E agora, o que é que eu faço?

MAJOR — (*Discretamente, um pouco irritado.*) Não lhe disse, puxe a bandeira.

ANTONIETA — (*Tenta retirar a bandeira que cobre o monumento, não consegue.*) Algum engraçadinho prendeu a bandeira lá atrás.

Major consegue desprender a bandeira. Antonieta descobre o monumento. Aplausos. Antonieta sorri, agradecendo, como se a homenagem fôsse para ela.

ANTONIETA — (*Após ligeira hesitação, sem saber se deve ou não agradecer.*) Eu acho que devo agradecer, não é? Já que êle, coitadinho, não pode. Se pudesse, vocês iam gostar, porque falava tão bem, dizia coisas tão bonitas... Não sei aonde ia buscar tanta coisa, palavra.

Major lança-lhe um olhar de desaprovação. Ela percebe.

ANTONIETA — Bem, mas isso não interessa. O que eu queria dizer é que estou muito contente, não sabe? Ah, vocês não imaginam como eu estou contente. E Jojoca também, lá no Céu, deve estar, se é que deixaram êle ver esta festa. Mas por que não haviam de deixar, não é, Seu Vigário, se a festa é pra êle?

O Vigário balança a cabeça afirmativamente, com toda a gravidade.

ANTONIETA — Só digo que é mesmo uma pena que êle não esteja aqui, porque ia gostar de se ver assim... Bem, mas se êle estivesse aqui não podia ter virado estátua. De maneira que Deus sabe como faz as coisas. Viúva é sobejo de defunto. Um homem faz falta, e o prêto não é côr que assente em qualquer pessoa; mas quando a gente é viúva de um homem que morreu de morte tão bonita, não pode se queixar, não é mesmo? E quando a gente perde um marido mas ganha uma estátua igualzinha a êle, até parece que não é mais viúva. Se bem que haja muita diferença, vocês entendem. Sem querer desfazer da estátua, que é muito bonitinha. Mas é que uma estátua a gente não pode levar pra casa, vestir um pijama nela, não é, não pode. Mas eu não me queixo, não. Estou muito contente. E agradeço. Por mim e por êle.

Todos aplaudem. Antonieta distribui sorrisos de "miss" em passarela. Foguetes espocam no ar.

CÔRO

(Sai do meio do povo, avança até o proscênio e canta.)

Não são os heróis que fazem a História,
é a História
quem faz heróis,
porém no caso do nosso Cabo Jorge,
foi a História
ou fomos nós?

Este ponto ficará esclarecido
no decorrer
de nossa estória;
o que importa no momento esclarecer

é que sem êle,
sem sua glória,
êste lugar não teria conhecido
as maravilhas
e as conquistas
da civilização cristã e ocidental
e ocidental
e ocidental.

FIM DO PRÓLOGO

Primeiro Ato

Primeiro Quadro

*D*UAS quermesses ocupam as extremidades da praça embandeirada. Numa delas está Lulinha, na outra Antonieta. Populares à frente das barracas. Dois meninos passam correndo. Ouve-se a Banda executando um número. Um Vendedor atravessa a cena, oferecendo "abecês".

VENDEDOR

Vamos, minha gente, vamos
melhorar sua cultura,
o "ABC de Cabo Jorge"
é obrigatória leitura;
o homem não vive só
de mastigar rapadura

A estória que vão ler
se passou lá nas Oropa

e demonstra que na Guerra
brasileiro não é sopa,
quando entra numa briga
não teme sujar a roupa.

LILINHA — *(Em sua barraca.)* Medalhas com a efígie de Cabo Jorge. Compre, que é em benefício de nossa igreja.

Juiz aproxima-se da barraca, e examina uma das medalhas.

LILINHA — Doutor Juiz vai ficar com uma medalhinha? É pra ajudar as obras da igreja.

JUIZ — Que obras?

LILINHA — Não sabe que o telhado está pra cair?

JUIZ — Há dez anos que está. Não caiu até hoje.

LILINHA — Porque Deus não quis

JUIZ — Pois se tudo depende de vontade de Deus, não adianta fazer nada, minha filha. *(Refere-se à medalha.)* Feita aqui?

LILINHA — Sabe não? Cacá de Filomena abriu uma loja só pra vender medalhas, amuletos, retratinhos, tudo de Cabo Jorge. E não é mais preciso mandar fazer em Salvador, ele mesmo faz. Trouxe máquinas, operários, tudo pra isso.

JUIZ — Deve estar entrando nos cobres, o sabido.

LILINHA — Se está. Papai é sócio.

JUIZ — Ah, o Prefeito é sócio. Então não deve nem pagar impôsto. Terra abençoada.

LILINHA — Mas pra igreja eles não cobraram nada pelas medalhas. Fizeram uma doação.

JUIZ — Claro. Assim, Deus também entra de sócio. Cacá de Filomena tem cabeça.

Entram Rapariga 1 e Rapariga 2

LILINHA — *(Ao ver as prostitutas.)* Que atrevimento!

JUIZ — *(Sem perceber o motivo da indignação de Lilinha.)* Me desculpe...

LILINHA — Essas mulheres... Aqui! *(Dá as costas às Raparigas que passam.)*

RAPARIGA 1 — *(Pisca o olho para o Juiz.)* Boa-noite!

JUIZ — Boa-noite! *(Percebendo que Lilinha não vê, arrisca um olhar.)*

LILINHA — *(Volta-se ainda mais indignada.)* E o senhor ainda dá boa-noite a elas!

JUIZ — Questão de educação. Cumprimentaram, eu respondi.

LILINHA — O senhor, como juiz, devia era expulsar daqui essas sem-vergonhas. Numa festa da igreja, é incrível que elas tenham o descaramento de comparecer.

JUIZ — Foi seu pai, o Prefeito, quem deu permissão pra elas funcionarem. E, pelo que estou informado, elas pagam impôsto. Ao passo que as medalhinhas...

As Raparigas param no outro extremo do palco.

RAPARIGA 1 — Que é que essa beata está resmungando?

RAPARIGA 2 — Sei lá. É a tal que diz que foi namorada de Cabo Jorge. E depois que ele morreu, jurou morrer virgem.

RAPARIGA 1 — Até que não vai ser difícil: quem é que quer um bucho dêsses? (*Ri.*)

LILINHA — (*Para o Juiz.*) O senhor quer dar uma olhada na barraca? Eu vou chamar o Vigário. É muito desafôro! (*Sai.*)

ANTONIETA — (*Na outra barraca.*) Um bilheteinho da tómbola que vai correr daqui a pouco. É pra ajudar a consertar o telhado da igreja que está pra vir abaixo. (*Um popular compra um bilhete.*) Obrigada.

MULHER GRÁVIDA — Vosmicê não tem uma relíquia, um perence qualquer que tenha sido de Cabo Jorge? Diz que dá sorte pra quem está de bobó...

ANTONIETA — Tenho não. Aqui é só bilhete pra tómbola. Mas a senhora procure por aí que encontra. Já venderam tanto amuleto feito da farda do falecido, que se juntassem tudo dava pra fardar todo o Exército Brasileiro.

Vendedor chama mulher à parte.

VENDEDOR — Vosmincê quer uma relíquia de Cabo Jorge?

MULHER GRÁVIDA — Queria...

VENDEDOR — (*Tira do bolso, discretamente, um pequeno objeto.*) Uma preciosidade.

MULHER GRÁVIDA — Que é isso?

VENDEDOR — Tá vendo não? Um botão da ceroula de Cabo Jorge. Dá sorte e faz ter filho macho.

MULHER GRÁVIDA — Da ceroula dêle mesmo?

VENDEDOR — Oxente, só não chamo o testemunho da viúva porque seria desrespeito. Mas vosmincê pode levar sem susto, que logo vai ter o resultado.

MULHER GRÁVIDA — Quanto é?

VENDEDOR — Duzentos cruzeiros. Mas não falha.

Mulher paga e se afasta. Vendedor segue-a.

VENDEDOR — Tenho também um amuleto feito da farda do Cabo e benzido pelo Vigário...

Entra Major e vai à barraca de Antonieta.

ANTONIETA — Bilhetes da tómbola que vai correr daqui a pouco. Vamos, compre o resto pra ver se acaba logo com isto. Estou farta.

Major ri, tira uma nota da carteira.

ANTONIETA — (*Pega a nota.*) Pronto, acabaram-se os bilhetes. (*Para o Major.*) Nunca pensei que ser viúva de herói fôsse tão chato.

MAJOR — Tem suas compensações...

ANTONIETA — Tem, é claro. Senão, eu não estava agüentando há dez anos esta amolação. E a coisa está piorando. Antigamente, só se comemorava o aniversário da morte, depois passou-se a comemorar também o nascimento, agora o vigário inventou de festejar até a primeira comunhão.

MAJOR — É bom, tudo isso é bom. Quanto mais festas, melhor. Movimenta a cidade, o comércio. É gente que vem, dinheiro que entra.

ANTONIETA — Ganham os jogadores, as raparigas.

MAJOR — Todos ganham.

ANTONIETA — E eu que engula discurso, sermão, quermesse, todo êsse bolodório.

MAJOR — Quando tivermos a estrada então, vai ser uma beleza.

ANTONIETA — Sai mesmo essa estrada?

MAJOR — Ora, já está no meio. E fica pronta dentro de um ano. Pra semana vou ao Rio apressar a liberação da verba.

ANTONIETA — Sabe o que estão dizendo por aí? Que você só lutou por essa estrada pra valorizar suas terras.

MAJOR — Gente ingrata. Uma estrada que vai beneficiar todo mundo. Quando que êste cafundó sonhou ter uma estrada asfaltada ligando diretamente com Salvador? Agora só porque a estrada passa pela minha fazenda... Mas não ia ter de passar por algum lugar? Não ia ter de valorizar as terras de alguém? Pois então que valorize as minhas, que fui quem pari a idéia. É justo ou não é?

ANTONIETA — Eu acho. Eles é que não acham.

MAJOR — Eles quem?

ANTONIETA — Êsses que dizem que a estrada vai dar uma volta enorme só pra passar por suas terras.

MAJOR — Volta enorme! Uma voltinha de nada.

ANTONIETA — Você podia era ter dado um jeito de fazer a estrada passar também pela minha fazenda.

MAJOR — Isso também era demais. Sua fazenda fica no norte do município, a estrada vem do sul.

ANTONIETA — Oxente, uma voltinha a mais, uma voltinha a menos...

Entram Lilinha e o Vigário. Ela aponta as Raparigas.

LILINHA — Lá estão elas.

VIGÁRIO — Era só o que faltava! (*Fuzila as Raparigas com o olhar.*)

RAPARIGA 2 — Xi a beata foi chamar o Vigário. Vamos embora.

RAPARIGA 1 — Eu daqui não saio. Não arredo pé daqui. Estou na rua, não estou na igreja.

RAPARIGA 2 — Tu sabe como é êsse padre. Vai fazer um fuzuê!

RAPARIGA 1 — Que faça. Tenho medo de homem que veste saia?

VIGÁRIO — (*Aproxima-se das raparigas.*) Por favor, saiam daqui.

RAPARIGA 1 — Mas nós estamos muito bem aqui.

VIGÁRIO — Por Deus, não me façam perder a paciência.

As Beatas formam um bloco agressivo atrás do Vigário. Prefeito entra.

RAPARIGA 1 — (*Solta uma gargalhada.*) Que é? Vão querer briga?

LILINHA — É o cúmulo! Não respeitam nem o Vigário!

PREFEITO — (*Aproxima-se.*) Que é que há, Padre? Que está acontecendo?

VIGÁRIO — Não sei como o senhor, o Prefeito, permite essa indecência.

LILINHA — Essas mulheres aqui afrontando Deus e todo mundo!

As Beatas cercam o Prefeito, protestando exaltadamente: "Uma imoralidade! Um sacrilégio! Em frente da igreja"!

PREFEITO — *(Com autoridade.)* Calma, calma. Tudo se resolve. *(Volta-se para as Raparigas e fala num tom menos autoritário.)* Vão embora, não me arranjem encrencã com o Vigário. Vão embora.

RAPARIGA 1 — Está bem, nós vamos porque o Prefeito pediu. Não porque a gente tenha medo dessas papa-hóstias. *(Mostra a língua, num gesto insultuoso.)*

As Beatas revidam com o mesmo gesto. Rapariga 1 levanta a saia até a altura da cintura. O Vigário e as Beatas levam a mão ao rosto, com um grito de horror.

FIM DO PRIMEIRO QUADRO

Segundo Quadro

UMA sala em casa de Antonieta.

MAJOR — Só sei que com essa estória de comemorar o aniversário da primeira comunhão de Cabo Jorge, o Vigário tirou um dinheirão nas quermesses.

ANTONIETA — Quem teve a idéia?

MAJOR — Fui eu. Assim êle não amola mais a gente com o teto da igreja que está pra cair. Agora tem dinheiro pra construir outra igreja, se quiser.

ANTONIETA — E será que Cabo Jorge fêz mesmo primeira comunhão?

MAJOR — Fêz, minha mulher tem um retrato dêle de branco, vela na mão e resplendor na cabeça. Não sabe que êle, quando era menino, ajudava missa?

ANTONIETA — Daqui a pouco você vai querer me convencer de que ele era um santo.

MAJOR — Por que o espanto? Tem muita gente que acha. Há até quem garanta que antes de morrer ele teve uma visão e ouviu uma voz: "Vai! Avança! Avança!"

ANTONIETA — Devia ser algum soldado alemão...

MAJOR — O povo acredita que era o Senhor do Bonfim. Vai você contradizer o povo?

ANTONIETA — É uma gente muito tôla.

MAJOR — Não tanto como você pensa. Sabe que já andam falando muito de nós? Por mais cuidado que eu tenha.

ANTONIETA — Também, o que era que você queria? Que isso ficasse em segredo, numa cidade do tamanho de Cabo Jorge, onde tudo se sabe?

MAJOR — Eu sei que é difícil. Mas sempre se pode manter a questão num ponto em que muita gente tenha dúvidas. Uma coisa é dizerem que o Major Chico Manga dorme com a viúva de Cabo Jorge, outra coisa é baterem uma fotografia dos dois na cama.

ANTONIETA — Fizeram isso?

MAJOR — Não, estou comparando. E não é tanto por mim que tomo precauções. É mais por você.

ANTONIETA — E eu estou ligando? Qual é o meu?

MAJOR — Mas deve ligar. É preciso que o povo imagine que a viúva de Cabo Jorge é uma mulher superior. Seu prestígio na cidade vem dessa idéia que o povo faz de você.

ANTONIETA — E não é uma idéia verdadeira? Eu não sou, por acaso, superior a essas tabaças?

MAJOR — Claro que é. Mas se todo o mundo começar a falar de nós... Você compreende, isto é uma cidade de interior agora é que está tomando um cheiro de civilização.

Entra a Surda-Muda.

MAJOR — (*Referindo-se à Surda-Muda.*) Por isso, é preciso ter cuidado.

ANTONIETA — Ela não ouve, nem fala, você sabe.

MAJOR — Mas vê.

ANTONIETA — Também nenhuma criada é perfeita.

A Surda-Muda faz sinais.

ANTONIETA — Tem gente aí. É melhor você sair pela porta dos fundos.

MAJOR — Volto de noite. (*Sai.*)

ANTONIETA — Às vezes penso que o melhor era mesmo ter ficado lá na Capital. Vivia roendo beira de sino, mas pelo menos podia roer do jeito que quisesse. Não me queixo do velho, ele tem sido bom pra mim. Como homem, não me satisfaz, é claro. Mas, coitado, ele não tem culpa disso. Ingratidão dizer que ele não faz tudo pra me agradar. Não fôsse ele e eu não era hoje o que sou, dona de fazenda, com pensão do Estado, considerada, bajulada. Só não sei se tudo isso vale a liberdade da gente fazer o que dá na cabeça. É claro que nada me impede de dar umas fugidas de vez em quando e pregar uns chifres na testa do Major. Ora, eu sou moça e não vou me enterrar antes do tempo. É ou não é?

A Surda-Muda faz sinais.

ANTONIETA — Ah, sim, vamos ver quem é.

A Surda-Muda sai, entra Matilde.

MATILDE — Dá licença?

ANTONIETA — Ah, é D. Matilde. Como vão os negócios?

MATILDE — Andavam muito fracos. Mas êste mês, não sabe? Com o calor, as festas e a ajuda de Deus melhoraram bastante. A gente não pode se queixar.

ANTONIETA — Muita gente de fora, muito homem em jejum... as meninas devem ter sido muito procuradas.

MATILDE — Se foram, minha senhora. Trabalharam tanto que estou até pensando em fechar a casa por uma semana e dar férias a tôdas elas.

ANTONIETA — É justo.

MATILDE — Mérecem, a senhora não acha? Ah, eu sou assim, o que é direito é direito. Quando o Major exigiu que se desse uma percentagem ao Vigário como condição pra deixar abrir um castelo aqui em Cabo Jorge, eu disse: é direito. E a senhora é testemunha de quê nunca atrasei. Aqui está a quota dêste mês. *(Entrega um maço de notas a Antonieta.)*

ANTONIETA — Boa bolada.

MATILDE — Se a gente vive do pecado, e o pecado é obra de Satanás, a gente se aproveita dêle pra ajudar o povo de Deus; e o Diabo é passado pra trás.

ANTONIETA — Deus deve dar boas gargalhadas.

MATILDE — E deve fazer um descontentinho na nossa conta; estamos trabalhando para Ele também, é ou não é? Mas a gente trabalha satisfeita, quando vê que o negócio está se desenvolvendo, que a clientela está aumentando e que ninguém tem queixa de nosso serviço. A gente faz até sacrifícios pra atender a todos, como nesses últimos dias.

ANTONIETA — A senhora também fêz "sacrifícios"?

MATILDE — E não sou eu quem dirijo tudo? E sou sòzinha, minha senhora, sòzinha. Ah, se eu encontrasse uma pessoa pra me ajudar, uma pessoa de confiança, honesta...

ANTONIETA — Ouvi dizer que a senhora está pensando em abrir uma filial.

MATILDE — Já tenho até a casa, um sobrado perto do cais, com oito quartos. Pode-se dividir cada um em dois, e são dezesseis. Mas o Prefeito não quer dar permissão. Diz que uma casa só, dá pra atender ao mercado.

ANTONIETA — Mas quem pode dizer é a senhora, que está no negócio.

MATILDE — E êle sabe que Cabo Jorge já comporta duas casas e até mais.

ANTONIETA — Na semana passada abriram outro cassino, de frente do cemitério. A cidade está progredindo a olhos vistos.

MATILDE — É o Vigário que não quer. Vive fazendo sermão contra nós. Ameaçando a gente com o fogo do Inferno e o espêto do Cão.

ANTONIETA — E vocês ainda ajudam a igreja.

MATILDE — Mas não adianta não. Esse padre é gira. Recebe o dinheiro e dana de xingar a gente. Sabe como êsse povo aqui é metido a puritano. Chegam a bater porta e janela quando eu passo na rua. E fazem o mesmo com as meninas. Ainda outro dia, a senhora não soube? Quiseram apedrejar nossa casa, depois de ouvir uma dessas arengas do Vigário.

ANTONIETA — É uma gente muito atrasada. Não entende que isso é consequência do progresso da cidade.

MATILDE — Depois eu só ia trazer pra cá meninas de bom comportamento, boa saúde e bom caráter. Saiba a senhora que isso hoje em dia não é fácil. Não é mais como no meu tempo, quando se levava a sério a profissão. Hoje é muito difícil encontrar uma profissional que se dê ao respeito. Não há mais disciplina, essas meninas estão com a cabeça cheia de idéias... Chegam até a se voltar contra mim, achando que eu exploro elas. Veja só, minha senhora, eu que faço tudo, que sou uma mãe pra elas. Claro, tenho de tirar a minha parte, também preciso viver. Mas explorar, nunca explorei. Deus é testemunha. (*Confidencial.*) Veja se a senhora fala com o Major sobre o nosso caso. Se ele mandar, o Prefeito dá o consentimento. E eu sei que ele faz tudo que a senhora quer.

ANTONIETA — Pode deixar, eu vou falar com ele. Afinal de contas, não é justo que por causa de meia dúzia de carolas se trave o progresso da cidade. Cabo Jorge não pode parar.

MATILDE — Pois não é? Porque eu reconheço, minha casa é acanhada, sem conforto, não está à altura da importância da cidade.

ANTONIETA — Desanime não, D. Matilde. Quem abre caminho enfrenta as cobras.

MATILDE — Mas é mesmo pra desanimar. A gente quer contribuir pro adiantamento do lugar, mas qual, a mentalidade dessa gente... Ah, se não fôsse a senhora e o Major Chico Manga, Cabo Jorge ainda era aquele borocotó de antes da guerra. Graças a vossincês, este lugar está se tornando habitável.

ANTONIETA — A senhora também tem colaborado muito.

MATILDE — E não colaboro mais porque não me deixam. Disposição não me falta, graças a Deus. Ah, se eu tivesse do meu lado uma pessoa como a senhora, com o prestígio que a senhora tem aqui, olhe, eu garanto que fazia Cabo Jorge avançar cinqüenta anos em cinco.

ANTONIETA — Comigo a senhora pode contar. Claro, dentro de certos limites e conservando todo o sigilo. Compreende, na minha posição...

MATILDE — Ora, minha senhora, o sigilo faz parte do meu negócio.

ANTONIETA — Se não fôsse a minha posição, eu até que ia de vez em quando ao castelo dar uma mãozinha...

MATILDE — Se a senhora quiser...

ANTONIETA — Está doida? É só uma tentação que tenho de vez em quando. Maluquice. Oxente, eu sou a viúva de Cabo Jorge, a viúva de um herói.

MATILDE — Desculpe, foi vosmincê quem falou. Eu não ia ter o atrevimento...

ANTONIETA — Esqueça isso. Hoje mesmo entrego ao Vigário a doação.

MATILDE — Muito obrigada. Já escureceu, o movimento lá em casa já deve estar começando, e as meninas estão sôzinhas. Boa-noite!

ANTONIETA — Boa-noite!

Matilde sai.

ANTONIETA — (*Abre o pequeno embrulho de notas. Folheia-as.*) Juros para a conta de Deus.

CÔRO

No Banco da perdição
Deus tem conta sem limite...
E que importa
se o Banco opera
a juros altos,
se faz negócios
de agiotagem,

se ao fim das contas
os juroz vão
ser creditados
na conta de Deus.

FIM DO SEGUNDO QUADRO

*

Terceiro Quadro

*N*A praça, dois meninos entram correndo, empurrando armas de brinquedo. Um dêles tem uma metralhadora, o outro um revólver.

MENINO DA METRALHADORA — Mãos ao alto!

MENINO DO REVÓLVER — Eu sou Cabo Jorge. Pode atirar.

Menino da Metralhadora aciona a sua arma. Menino do Revólver leva as mãos ao peito e cai teatralmente. Logo se levanta e saem os dois, correndo. Na saída, esbarram em Matilde, que entra, quase derrubando-a.

MATILDE — Meninos da peste! Não enxergam não, seus filhos duma boa senhóia!

Um Rapaz surge pelo lado oposto da praça, trazendo na mão uma valise. Entra, a passos lentos, olhando em tórno, intrigado. Para diante do monumento.

MATILDE — Quase me jogaram no chão, os capetas! Cambada!

RAPAZ — (*Lê a inscrição no monumento.*) “O povo a seu herói.” (*Ele contempla o monumento, intrigado. Dirige-se a Matilde.*) Quem é esse camarada?

MATILDE — É o culpado de tudo isso. Da falta de modos dessa molecada. É o exemplo. Parece que estão todos malucos também.

RAPAZ — Também?...

MATILDE — Um sujeito que oferece o peito às balas, ou é maluco ou é burro.

RAPAZ — Esse...

MATILDE — (*Nota a mala.*) O senhor é daqui não?

RAPAZ — Quer dizer... estou chegando.

MATILDE — Porque pra gente da terra não se pode falar assim, não. Todos acham que esse cabra foi um batuta. E ficam tão inchados quando falam nêle, que até parece que o espírito do Cabo baixou na barriga de cada um. Também, foi a única coisa que aconteceu neste lugar até hoje: aqui se pariu um herói.

RAPAZ — Então a cidade ficou importante.

MATILDE — Sim, pro que era... Eu estou aqui há cinco anos, já faz nove que a guerra terminou...

RAPAZ — (*Corrige com muita segurança.*) Dez.

MATILDE — Ou dez. Não conheci isto antes da guerra. Mas devia ser o fim da picada. Um cafundó aonde nem o Diabo era capaz de vir fazer piquenique. Nem diversão tinha. Hoje uma pessoa tem aonde ir de noite. Se gosta de jôgo, tem o cassino do Ho-

tel e outros por aí. Se é um môço simpático, com cara de mulhengo, tem a minha casa. (*Pisca o olho, significativamente.*)

RAPAZ — (*Surprêso.*) Casa de raparigas... aqui?

MATILDE — É a única da cidade. Mas respondo por ela. Môças bonitas, experientes, não essas tabaroas, meninas da Capital, da Ladeira do Taboão, escoladas, viajadas...

RAPAZ — E êles permitem?...

MATILDE — Êles quem?

RAPAZ — O Prefeito, o Vigário...

MATILDE — O Prefeito não manda nada. Quem faz e desfaz nesta terra é o Major Chico Manga. É um homem instruído, deputado federal e, aqui entre nós, apesar da idade, louco por um rabo de saia.

RAPAZ — O Major, a senhora sabe se êle está na terra?

MATILDE — Indagorinha mesmo vi êle sair da casa da viúva. Ele pensa que eu não vi... (*Ri.*) Seu menino, o velho é danado...

RAPAZ — Acho que é a primeira pessoa com quem eu devo falar. A senhora sabe onde eu posso encontrar o Major, agora?

MATILDE — Quem podia dizer era a viúva.

RAPAZ — Onde ela mora?

MATILDE — Ali, naquela casa. (*Aponta.*) Depois do Major, é quem manda na cidade. E não é má pessoa, não. Podia ser uma fulana cheia de canganha. Mas, ao contrário, com ela se consegue tudo.

RAPAZ — Vou até lá, então.

MATILDE — Mas espere. Não vá dizer que fui eu quem mandei.

RAPAZ — Claro.

MATILDE — Pelo amor de Deus, não quero saber de encrenca com a viúva.

RAPAZ — Pode ficar descansada.

MATILDE — E olhe, depois, apareça lá em casa. Gostei de sua cara. Bem se vê que não é daqui. Tem cara de anjo.

RAPAZ — Sou capaz até de passar a noite lá, se não encontrar onde dormir.

MATILDE — Vá, que eu dou um jeito. Sabe onde é? Passando a cadeia, a segunda casa. Pergunte pelo "castelo" da Matilde que todo mundo sabe.

RAPAZ — Está bem. E obrigado pela informação. *(Sai.)*

MATILDE — Ora... Chao, Cara de Anjo.

Os dois Meninos entram correndo. Um deles esconde-se atrás de Matilde, fazendo-a de trincheira, enquanto o outro dispara sua arma.

MENINO DA METRALHADORA — Eu te matei, eu te matei.

MENINO DO REVÓLVER — *(Esconde-se atrás de Matilde.)* Matou nada, eu estou na trincheira. Esta é a minha trincheira!

MATILDE — É a sua trincheira uma ova, seu corneta! Sai de trás de mim!

MENINO DA METRALHADORA — Mas eu tenho uma bomba atômica e vou acabar com o mundo. *(Faz um gesto de quem atira uma bomba.)*

FIM DO TERCEIRO QUADRO

Quarto Quadro

VOLTAMOS à casa de Antonieta. A Surda-Muda acaba de introduzir o rapaz na sala. Faz sinais para que espere, Antonieta já vem. E sai. O Rapaz arria a valise, corre os olhos em tórno, curioso. Antonieta entra.

ANTONIETA — *(Nota a valise.)* Essa minha criada, além de surda e muda é brôca; podia ter logo despachado o senhor, não estou querendo comprar nada.

Ela nota que o Rapaz está imóvel, fitando-a quase apalermado. Há um longo silêncio, findo o qual, êles se reconhecem quase ao mesmo tempo.

RAPAZ — Você não é?...

ANTONIETA — Valha-me Deus!

RAPAZ — Antonieta!

ANTONIETA — *(Incrédula, tomada do maior espanto.)* Virgem Santíssima!

RAPAZ — Se lembra mais de mim, não? Mudei tanto assim?

ANTONIETA — Minha Nossa Senhora da Conceição, me acuda!... Estou vendo alma do outro mundo! *(Leva a mão aos olhos e titubeia, como se fôsse desmaiar.)*

RAPAZ — *(Segura-a, rindo.)* Alma do outro mundo coisa nenhuma. Sou eu mesmo, o Jorge, da república de estudantes, de Salvador...

ANTONIETA — Sim, eu sei, esqueci não. Como é que eu podia esquecer?...

CABO JORGE — *(É a criatura humana, com suas grandes qualidades e seus grandes defeitos. Um pouco de anjo, um pouco de verme, mas, sobretudo, o homem, em sua condição mais autêntica, na consciência de sua fraqueza e na determinação de sua liberdade. A ausência nêle de algumas virtudes que julgamos essenciais é uma consequência da brutal revelação que teve do mundo em que vivemos. Cabo Jorge pertence a esta nossa geração que, muito antes de chegar à idade da razão, recebeu a notícia, jamais dada a outros antes de nós: o homem adquiriu o poder de destruir a humanidade. Num mundo assim, que poderá desaparecer de um momento para outro, ao simples premir de um botão, certos conceitos de heroísmo, de dignidade, lhe parecem absurdos, ridículos. Em sua volta à cidade natal há, no fundo, um desejo de fugir a esse mundo onde a vida humana quase perdeu o sentido, e uma vontade de reencontrar o significado de sua existência.)* Quanto tempo. Mais de dez anos. Nunca podia esperar encontrar você, tanto tempo depois, na primeira casa em que entro. Que houve com você? Como veio parar aqui? Me disseram que aqui morava uma viúva...

ANTONIETA — *(Ainda não se refez do choque, e a torrente de perguntas de Jorge parece atordoá-la.)* Espere, espere, vamos devagar. Você chega assim e quer saber de tudo. E não explica

nada. Você me deixa zozna. Temos de ir com calma. Parte por parte. Quando você chegou?

CABO JORGE — Desci do trem indagora.

ANTONIETA — Ninguém o viu ainda?

CABO JORGE — Ninguém? Você quer dizer gente conhecida? Não, não encontrei nenhum conhecido ainda. Estava à procura do Major Chico Manga, que é meu tio. Uma mulher que encontrei na praça me disse que quem devia saber era uma viúva que morava aqui. Eu podia imaginar tudo, menos encontrar você em casa dessa viúva.

ANTONIETA — E vai ficar ainda mais espantado quando souber que eu sou a viúva.

CABO JORGE — Você? Mas espere... Aquela mulher disse que, depois do Major, você é quem manda na cidade.

ANTONIETA — Modéstia à parte, mando mesmo. Escute, essa tal mulher não reconheceu você?

CABO JORGE — Como, se ela nunca me viu mais gordo? Disse que é dona de um *rendez-vous*. Isto aqui mudou muito.

ANTONIETA — Mais do que você pensa.

CABO JORGE — Quem havia de dizer. Uma gente tão carola, tão cheia de nó pelas costas...

ANTONIETA — A cidade progrediu muito desde que... desde que você saiu daqui.

CABO JORGE — Estou vendo. A cidade e você também. Quem te viu e quem te vê. Lembra-se dos tempos da pensão, lá em Salvador?

ANTONIETA — Se me lembro.

CABO JORGE — Com saudade?

ANTONIETA — Então.

CABO JORGE — Você não tinha a vida que parece ter hoje. Não era a viúva manda-chuva. Seu marido morreu há muito tempo?

ANTONIETA — Um bocado.

CABO JORGE — Algum coronel?

ANTONIETA — *(Embaraçada.)* Não, era um rapaz moderno. Morreu há dez anos.

CABO JORGE — Estêve pouco tempo casada?

ANTONIETA — Muito pouco. Coisa de nada.

CABO JORGE — Não faz muito mais de dez anos que nos conhecemos. Onze anos, se tanto.

ANTONIETA — Logo depois eu me casei.

CABO JORGE — Não foi com nenhum dos estudantes lá da república... Eu sei que não era o único... Você não dava exclusividade a ninguém... Até diziam que você era a arrumadeira ideal: arrumava os quartos e a vida da gente.

ANTONIETA — *(Ri.)* Eram bons rapazes, e eu tinha pena deles.

CABO JORGE — Ah, era por piedade...

ANTONIETA — Não me custava nada, e todos tinham tanto prazer nisso. Eu também tinha. E naquele tempo não entendia por-

que devia me recusar a dormir com um rapaz, se êsse rapaz me agradava, e eu não tinha outro em minha cama. Não compreendia porque devia machucar, quando podia dar prazer. Eles ficavam tão felizes. E eu, simples criada, que podia desejar mais? Era tão importante pra êles aquilo que me custava tão pouco. Por que eu ia negar?

CABO JORGE — Você era uma pequena engraçada. Me lembro da última vez que você foi ao meu quarto.

Muda a luz. Agora, apenas o sofá está iluminado, e o estudante Jorge está deitado nêle. Antonieta, de pé, tem um lenço na cabeça.

ANTONIETA — Verdade? Você vai pra guerra?

JORGE — É, fui convocado.

ANTONIETA — Que maçada, não? Quando tem de partir?

JORGE — Não sei. Tenho de me apresentar amanhã ao Quartel-General.

ANTONIETA — Quando me disseram, fiquei com tanta pena que não pude deixar de vir aqui. Imaginei que você estivesse muito amolado e precisando de mim.

JORGE — Que é que você pode fazer?

ANTONIETA — Claro, guerra é guerra, os grandes é que decidem, ninguém pode fazer nada. E pode ser até que você esteja gostando de ir. Vai viajar, conhecer outros países, outras mulheres. Dizem que as italianas fazem miséria na cama. Meninas de doze anos já são mulheres escoladas.

JORGE — Você imagina a guerra como uma grande farra.

ANTONIETA — Estou inventando não, li numa revista do Rio. E quem sabe se você não vai voltar com o peito cheio de medalhas? Eu vi um filme de Gary Cooper, êle sózinho prendia mais de trinta.

JORGE — Vão à merda, você e Gary Cooper!

ANTONIETA — Você não gosta de Gary Cooper?

JORGE — *(Grita.)* Vá-se embora!

ANTONIETA — *(Chocada.)* Vim pra ficar com você. É sua última noite aqui, pensei que você quisesse.*

JORGE — Quero ficar só.

ANTONIETA — Estava querendo lhe animar. Eu sei que a guerra é uma coisa muito pau. Foi por isso que vim ficar com você. Pra você não pensar esta noite. O Mauro queria que fôsse ao quarto dele, eu não fui. Achei que você tinha mais direito. Mas se você não quer, eu vou-me embora. Mauro também está muito triste, coitado. Escreveram lá do Ceará dizendo que a noiva dele é uma galinha, anda com todo o mundo. Ele está desesperado. Pensando bem, eu não sei o que é pior, se é ser corno, ou ser convocado.

JORGE — Está bem. Então tire a roupa e deite aqui. Mas não fale. Não fale.

Muda a luz. Cabo Jorge levanta-se do sofá, e Antonietta tira o lenço da cabeça.

CABO JORGE — Sempre imaginei que você sentisse alguma coisa por mim. Que não ia ao meu quarto como ia ao quarto dos outros.

ANTONIETA — Acho... acho que você pode pensar assim até que as coisas fiquem mais claras.

CABO JORGE — Que coisas?

ANTONIETA — Minha situação, sua situação, a situação de todos.

CABO JORGE — Entendo não.

ANTONIETA — Engraçado: você chega assim, de repente, sem avisar, depois de dez anos, e já quer entender tudo. Em dez anos, muita coisa acontece. Uma mulher pode parir nove filhos, sem ser nenhum fenômeno.

CABO JORGE — Nove filhos? Todos do Major?

ANTONIETA — Não, homem!

CABO JORGE — Vários pais...

ANTONIETA — Não seja bêsta! Estou falando em sentido figurado. Pra que você entenda que não se pode desenrolar em dez minutos uma coisa que foi enrolada durante dez anos.

CABO JORGE — Você fala como se eu estivesse pedindo explicações. Não tenho nada com a sua vida. E não pense que pretendo me aproveitar da situação. Não sou nenhum canalha. Se minha presença aqui vai lhe causar problema, faz de conta que não nos conhecemos. Uma noite ou outra, se você quiser, posso vir aqui, quando o Major não estiver, é claro...

ANTONIETA — Ele viaja muito...

CABO JORGE — *(Abraça-a.)* Podemos então recordar os velhos tempos da pensão.

ANTONIETA — Sinto tanta falta de carinho.

CABO JORGE — O velho não dá mais conta do recado? *(Puxa-a para o sofá.)*

ANTONIETA — Você sabe que eu sempre fui muito exigente.

CABO JORGE — Em amor, quem muito exige é que muito tem a dar...

Eles se beijam, demorada e libidinosamente. Muda a luz. O sofá fica na penumbra. Na tela, num "flash-back", surge a cena do comício inicial, com o Major discursando.

MAJOR — Não fiz mais do que me mostrar digno de Cabo Jorge — símbolo da coragem, da virilidade e do espírito de sacrifício dos homens desta terra, do mesmo modo que aquela a quem deixou viúva é o símbolo da pureza e da honestidade de nossas mulheres.

* FIM DO QUARTO QUADRO

Quinto Quadro

A CENA está vazia.

MAJOR — *(Fora de cena.)* Não acredito. Não acredito.

ANTONIETA — *(Idem.)* Juro, homem de Deus. Pelo que há de mais sagrado! *(Entra, em trajes íntimos, procurando conter o major.)*

MAJOR — Você está com um homem no quarto e inventou essa estória. Não sou nenhum corno manso pra ir nessa conversa. *(Saca do revólver.)* Arreda da minha frente. Vou pregar duas balas nesse gigolô, e depois nós acertamos as nossas contas.

ANTONIETA — E se fôr êle? Se fôr Cabo Jorge?

MAJOR — Só se morre uma vez na vida.

ANTONIETA — Pois então olhe daqui. Êle está dormindo.

MAJOR — *(Olha na direção que ela aponta.)* Lá está o patife, esparramado...

ANTONIETA — Não atire!

MAJOR — Nunca matei um homem pelas costas, muito menos dormindo.

ANTONIETA — Olhe bem, veja se não é ele.

MAJOR — *(Apura a vista.)* É... parece... Se não é ele, é o Cão disfarçado nêle.

ANTONIETA — Já que você não acredita em mim, acredite ao menos nos seus olhos.

MAJOR — *(Muito abalado.)* É mesmo muito parecido.

ANTONIETA — Não é parecido, é ele, homem. Será que ainda não se convenceu?

MAJOR — Espere, isso não é assim. Um homem vira estátua, vira fita de cinema, de repente aparece em cuecas, de bunda pra cima, na cama de minha amante...

ANTONIETA — Eu estou dormindo aqui no sofá, é claro.

MAJOR — Não acho nada claro. Principalmente ele estar dormindo em sua cama.

ANTONIETA — E o que era que você queria que eu fizesse? Que botasse ele pela porta afora?

MAJOR — A cidade tem hotel.

ANTONIETA — E garanto que a cidade inteira já estava sabendo que ele está vivo. Antes da gente dar um jeito nesta situação.

MAJOR — Que situação?

ANTONIETA — A minha, oxente! Sou viúva de um homem que não morreu e nunca foi meu marido. Agora o homem está aí. Quero ver como vamos explicar isso a ele. A ele e a todo o mundo, porque amanhã a notícia vai correr de boca em boca.

MAJOR — *(Compreendendo por fim a gravidade da situação.)* Vai não. Ninguém deve saber! É preciso que ele não saia daqui, que não apareça a ninguém. Até eu decidir o que vamos fazer. Não é só o seu caso, não, a volta desse rapaz vai criar muitos casos.

ANTONIETA — Foi o que eu percebi logo. Por isso não deixei que ele sáisse à sua procura, como ele queria.

MAJOR — *(Agora cada vez mais preocupado.)* Fêz bem. Bastava que alguém reconhecesse ele na rua pra que a notícia se espalhasse.

ANTONIETA — Se bem que, mais cedo ou mais tarde, vão ter que saber.

MAJOR — Mas não antes de tomarmos certas providências.

ANTONIETA — Quais?

MAJOR — Sei lá. É uma situação tão absurda, que estou incapaz até de raciocinar. Ele não explicou onde esteve êsse tempo todo, não disse por que não morreu, como devia?

ANTONIETA — Não houve tempo.

MAJOR — Como?

ANTONIETA — Ele chegou muito cansado. Caiu na cama e dormiu.

MAJOR — Não era bom acordá-lo agora e saber logo tudo?

ANTONIETA — Era não, coitado. Ele está exausto. Deixe que durma até de manhã. Assim também ganhamos tempo pra pensar.

MAJOR — Nesse caso, vou dormir aqui, e amanhã cedo...

ANTONIETA — Dormir aonde? Estou ocupando o sofá. E você quer que ele saiba logo da nossa ligação?

MAJOR — Não, ele não deve saber disso.

ANTONIETA — Complicava ainda mais as coisas. O melhor é você vir amanhã cedo.

MAJOR — Mas não deixe ele sair, nem falar com ninguém, antes de eu chegar.

ANTONIETA — Pode ficar sossegado.

MAJOR — *(Olha na direção do quarto.)* Mas o certo era ele estar no sofá e você na cama.

ANTONIETA — Ele está com o corpo moído da viagem...

MAJOR — Como engordou, o safado. Está com uma bunda enorme. *(Sai, um tanto desconfiado. Antonieta arruma-se um pouco e sai na direção do quarto.)*

FIM DO QUINTO QUADRO

Sexto Quadro

AMANHECE. Cabo Jorge entra. A Surda-Muda observa-o, à distância, com certa estranheza. Cabo Jorge mergulha no jato de sol, cerra os olhos, e seu rosto revela um prazer físico. Súbito, percebe que a Surda-Muda o observa, procura justificar-se.

CABO JORGE — Sol! Gosto de sol! *(Sai e aparece na praça. Dá uma volta em torno do monumento, aspirando fundo o ar da manhã. Ele é todo disposição, vontade de viver.)*

O Vigário entra e atravessa a praça, muito apressado.

CABO JORGE — *(Ao vê-lo.)* Mas é o Padre Lopes... *(Chama-o.)* Padre!

O Vigário se detém.

CABO JORGE — Padre, squ eu! Não me reconhece, não?

VIGÁRIO — Perdão, mas...

CABO JORGE — Não se lembra mais de mim? Fui seu aluno de catecismo...

VIGÁRIO — *(Não o reconhece.)* Oh, sim, sim, Deus o abençoe. *(Sai.)*

Cabo Jorge fica um tanto chocado. Muda a luz. Antonieta surge na sala.

ANTONIETA — Onde está êle? *(Faz gestos para a Surda-Muda.)* O rapaz? Você viu?

A Surda-Muda indica, com gestos, que Cabo Jorge saiu.

ANTONIETA — Saiu? Meu Deus, êle não pode sair. *(Corre para a porta, no momento em que Cabo Jorge volta.)* Aonde você foi?

CABO JORGE — Dar um giro na praça.

ANTONIETA — Você é louco...

CABO JORGE — Quem parece que está louco é o Vigário: me viu e nem parou pra falar comigo.

ANTONIETA — Pronto. Agora a cidade inteira vai saber...

CABO JORGE — Que eu voltei?

ANTONIETA — Sim.

CABO JORGE — E que tem isso?

ANTONIETA — O Major não quer. Precisa antes conversar com você.

CABO JORGE — Êle já sabe que eu cheguei?

ANTONIETA — Estêve aqui. Você estava dormindo, êle ficou de voltar agora de manhã. Pra lhe dar conta de umas coisas que aconteceram aqui, na sua ausência.

CABO JORGE — Já sei: fui dado como desertor. Mas fui anistiado, não fui? Me disseram, na Itália, que havia saído um decreto de anistia.

ANTONIETA — Sei não. Disso eu não sei. O que o Major acha é que é preciso preparar o espírito do povo para a volta de Cabo Jorge.

CABO JORGE — Cabo Jorge... Por que me chama de Cabo Jorge?

ANTONIETA — Você não foi Cabo?

CABO JORGE — Fui, mas... você me conheceu antes... Por que todos me chamam agora de Cabo Jorge? Quando o trem parou na Estação, alguém gritou "Cabo Jorge"! Julguei que fôsse algum companheiro de batalhão, durante a guerra. Procurei, cheguei a gritar: "Quem me chamou?" Mas ninguém respondeu. Saltei e o trem partiu. Achei estranho.

ANTONIETA — Pois é bom que vá se habituando porque é assim que você é conhecido aqui, em Cabo Jorge.

CABO JORGE — Aqui, em Cabo Jorge?

ANTONIETA — Oxente, gente. Será que você não sabe, ao menos, que é êste agora o nome da cidade?

CABO JORGE — Sabia não. Como é que podia saber? Estive na Europa todos êstes anos. Mudaram o nome da cidade?

ANTONIETA — Pra Cabo Jorge.

CABO JORGE — Mas por quê?

ANTONIETA — Você estêve na praça?

CABO JORGE — Estive...

ANTONIETA — Viu lá um monumento?

CABO JORGE — Vi... Um soldado ferido.

ANTONIETA — O soldado é Cabo Jorge.

CABO JORGE — Estou começando a entender... Pensam que eu...

ANTONIETA — Você deu a vida pela Pátria, homem. *(Como quem repete um discurso.)* Atirou-se de peito aberto contra as balas nazistas e tombou como um herói. Foi o primeiro soldado brasileiro a morrer em defesa da liberdade e da democracia.

CABO JORGE — Estou achando que há um mal-entendido em tudo isso.

ANTONIETA — É o que também acho.

CABO JORGE — Pensam que eu morri. E que morri desse modo!

ANTONIETA — Uma beleza. Se você visse a fita.

CABO JORGE — Fita?

ANTONIETA — Então, menino. Fizeram uma fita de sua vida. Passou aqui, e eu fui homenageada. O Major fêz um discurso tão bonito, que todo o mundo chorou. O artista que fêz o seu papel veio na estréia. Que decepção. Um pedaço de homem daquele... desperdício da natureza.

CABO JORGE — *(Ele está atônito.)* É espantoso! Espantoso!

ANTONIETA — Mas na fita êle não parecia nada...

CABO JORGE — Estou zonzo... não sei como puderam inventar tôda essa estória. *(Súbitamente, começa a rir.)* Herói... virei herói... imagino a cara dessa gente agora, quando me vir. Vão passar sebo nas canelas, pensando que é assombração.

ANTONIETA — *(Ri também.)* Pensando bem, vai ser engraçado. Mudaram o nome da cidade, levantaram estátua, escreveram livro, reportagem, fizeram fita de cinema... e você está vivo. Tanto discurso, tanta festa, tanta coisa...

Cabo Jorge solta uma enorme gargalhada e é acompanhado por Antonieta.

CABO JORGE — *(Salta para cima duma cadeira.)* Senhoras e senhores, aqui está o batuta, de corpo inteiro. Não morreu, como julgam, porque não há nada de heróico na morte. Está vivo! Vivo, graças à sua inteligência e a uma qualidade fundamental de todo ser humano, o cagaço. Teve medo. Mas não um medinho bocó, como qualquer babaquara é capaz de ter. Teve um medo enorme, um medo danado, uma medo pai-d'égua, como só um herói era capaz de sentir. Nisso está o seu grande mérito, e sua valentia, pois é preciso coragem, muita coragem, pra sentir um medo tão grande. Ah! se todos os homens fôssem capazes de um medão assim, não haveria no mundo lugar pros covardes, e a guerra seria enxotada da face da terra. Ele merece uma estátua, sim, dezenas, centenas de estátuas, pois no mundo de hoje, sômente os encagaçados podem salvar a humanidade!

Ele e Antonieta soltam enormes gargalhadas, quando surge o Major.

CABO JORGE — Tio Chico!

O Major está estatelado, surpreso com o que vê.

CABO JORGE — *(Salta de cima da cadeira e vai ao encontro do Major.)* Sou eu mesmo, tio, morri não.

MAJOR — E pelas gaitadas parece que vocês acham isso muito engraçado.

CABO JORGE — (*Um tanto chocado.*) Talvez não seja, mas pensei que o senhor se alegrasse, ao menos.

MAJOR — (*Humaniza-se.*) Claro. Claro que me alegro. Sua tia também. *

CABO JORGE — Tia Candinha, como vai?

MAJOR — Sempre na cama, cheia de complicações. Um dia é a enxaqueca, no outro o beribéri. Mas chorou de alegria quando lhe disse, esta noite, que você não tinha morrido e estava na cidade. Queria por força que levasse você para lá agora.

CABO JORGE — Podemos ir. Estou louco para rever tia Candinha, a fazenda, o pessoal. O negro Feliciano ainda é vivo?

MAJOR — É. Mas está muito velho, coitado.

CABO JORGE — Vai morrer de alegria quando souber que estou de volta. E "Nero"?

MAJOR — Morreu, há dois anos. Tive de matar.

CABO JORGE — Raiva?

MAJOR — É.

CABO JORGE — Tive um cachorro parecido com ele, na Itália. No navio, de volta pro Brasil, às vezes acordava de noite, ouvindo ele latir. Não há nada mais triste no mundo do que a gente se separar de um cão. Mas vamos...

MAJOR — (*Corta.*) Não, não. Por enquanto, é melhor você não sair daqui.

CABO JORGE — Por quê?... Que mal há?...

MAJOR — (*Para Antonieta.*) Você contou tudo a ele?

ANTONIETA — Metade só.

CABO JORGE — Já sei que fizeram de mim um herói, com estátua e tudo. (*Ri.*)

MAJOR — Não acho que seja caso pra rir.

CABO JORGE — Então não é engraçado? Se há vocação que nunca tive, é essa, pra valente. Na guerra, não sabe, no primeiro pega-pra-capar, tive tanto medo, que numa hora lá abandonei a trincheira e saí correndo feito louco.

MAJOR — (*Estarrecido.*) Foi assim, então...

CABO JORGE — Vocês não sabem o que é um bombardeio. Nem de longe. Eu tive um aluamento passageiro, mas sei de muitos que endoidaram de vez.

MAJOR — Que é que você chama "aluamento passageiro"?

CABO JORGE — Aquilo que eu tive. Fiquei zoró de repente e... não sei o que aconteceu. Quando voltei a mim estava deitado de barriga pra baixo num campo deserto. Tinha uma bala cravada no ombro e uma sede de matar. Saí me arrastando, mas só no dia seguinte pude alcançar uma vila italiana perdida nas montanhas. Foi aí que consegui socorro e me acoitei até o fim da guerra.

ANTONIETA — Foi prêso não?

CABO JORGE — No caminho, não sabe, encontrei um campo morto e troquei com ele a minha farda. Quando me perguntavam, depois, dizia que era português. (*Ri.*)

MAJOR — Não procurou voltar pro seu batalhão?

CABO JORGE — E era fácil? Eu não fazia nem idéia do caminho. E depois, se eu tinha fugido do Inferno, por que ia voltar pra êle?

MAJOR — Você era um soldado.

CABO JORGE — E eu nasci soldado?

MAJOR — Ninguém nasceu. Mas muitos souberam morrer como soldados.

CABO JORGE — Não vai querer me passar sermão agora, vai? Sei que, na sua opinião, o que fiz foi indigno. Talvez tenha feito coisas ainda piores pra não morrer. E o que fizeram comigo, em nome da democracia, da liberdade, da civilização cristã e de tantas outras palavras, palavras, nada mais que palavras? Ora, não me venham com acusações porque, eu sim, se quisesse, tinha muito que acusar.

ANTONIETA — Mas por que não voltou ao Brasil logo que terminou a guerra?

CABO JORGE — Pensei que tivesse sido dado como desertor. Tive medo de ser prêso.

MAJOR — Medo, medo. Medo de morrer, medo de ser prêso.

CABO JORGE — Todo homem tem medo.

MAJOR — Vai ser muito difícil fazer o povo daqui acreditar que Cabo Jorge teve medo algum dia.

CABO JORGE — Esse Cabo Jorge que vocês inventaram é ridículo.

MAJOR — O que não é ridículo é fugir, desertar?

CABO JORGE — Pelo menos tem uma razão, um cabimento. Enquanto eu fugia, sabia porque estava fugindo. Ao passo que antes... nunca consegui entender porque estava ali.

ANTONIETA — (*Imbecilmente.*) É claro, quem é que entende?

A Surda-Muda surge na porta e faz sinais de que há alguém lá fora.

ANTONIETA — Tem gente aí.

MAJOR — Ninguém deve ver você, por enquanto.

CABO JORGE — Mas por quê? Eu não voltei pra ficar escondido.

ANTONIETA — (*Interpretando os sinais da Surda-Muda.*) É mulher.

MAJOR — Pior ainda. Esconda-se, depressa.

Cabo Jorge sai. O Vigário, entra, muito excitado.

ANTONIETA — Ah, é o Vigário. Bênção, Padre.

VIGÁRIO — Deus lhe abençoe. Bom dia!

MAJOR — Bom dia, Padre. Vexado?

VIGÁRIO — É bom que o Major esteja presente, assim mato dois coelhos de uma paulada. O primeiro é o que anda correndo aí pela cidade sôbre a abertura de uma nova casa de tolerância. Então não basta uma pra cobrir a gente de vergonha? Basta não?

MAJOR — Seu Vigário deve compreender...

ANTONIETA — É o progresso.

MAJOR — A cidade cresce.

ANTONIETA — Tudo cresce

VIGÁRIO — Será possível que a senhora também esteja de acôrdo?!

ANTONIETA — Estou não. Duas casas de tolerância: acho tolerância demais.

VIGÁRIO — Tolerância demais das autoridades que vão permitir essa imoralidade.

MAJOR — Ninguém vai permitir, dou minha palavra de honra. Já falei com o Prefeito, a pretensão das raparigas não vai ser atendida, já que o Vigário se opõe.

VIGÁRIO — Muito obrigado. Não esperava outra coisa do senhor.

MAJOR — Se bem que o Prefeito também tenha lá os seus poréns. Precisamos incentivar o turismo. E turista nenhum vem a uma cidade sem divertimentos.

VIGÁRIO — Creio que podemos arranjar divertimentos mais saudios para os turistas.

MAJOR — Seja lá como fôr, o caso está resolvido. A abertura do nôvo castelo fica, pelo menos, adiada. Só peço ao Vigário que não fique fazendo sermões todos os dias contra as pobres raparigas. Que diabo, elas estão cumprindo religiosamente o combinado.

ANTONIETA — Ontem mesmo Matilde, a casteleira, esteve aqui e deixou a quota do mês. *(Entrega o dinbeiro ao Vigário.)* Olhe aqui.

VIGÁRIO — Não tenho o direito de recusar donativos para a Igreja, venham de onde vierem. Mas isso não quer dizer que con-

corde com êsse comércio em minha paróquia, nem que isso me obrigue a calar a bôca. Vou continuar fazendo sermões contra essas mulheres, e se o Prefeito der permissão para abrirem um nôvo bordel — que Deus me perdoe — reúno tôdas 'as beatas da cidade e vou arrebentar com êle à porrada.

ANTONIETA — Oxente, padre!

VIGÁRIO — Chega de safadeza!

MAJOR — Não há razão pro senhor se exaltar. Já disse que o caso está encerrado.

VIGÁRIO — Está bem, confio na sua palavra. Vamos ao segundo assunto. Esse é com D. Antonieta e diz respeito ao seu falecido espôso. Aconteceu hoje uma coisa que me deixou meio abilolado. Certeza, certeza eu não tenho, mas, de qualquer maneira, embora pareça absurdo...

ANTONIETA — Já sei, o senhor viu Cabo Jorge na praça.

VIGÁRIO — *(Perplexo.)* Então era êle mesmo?!

MAJOR — Você deixou êle sair?

ANTONIETA — Que é que quer que eu faça? Não posso amar-rar o homem na minha saia.

VIGÁRIO — Mas como foi isso? Êle não morreu?

ANTONIETA — Desde quando os mortos andam passeando na praça?

VIGÁRIO — E eu, que à primeira vista, não o reconheci. Também, como é que podia imaginar? Só quando já ia longe caí em mim e disse cá comigo: — "Virgem Santíssima, aquêle rapaz era Cabo Jorge escarrado e cuspidor." Voltei à praça e não vi mais ninguém. Aí foi que eu fiquei desnor-teado. Resolvi então vir aqui conversar com D. Antonieta.

MAJOR — O senhor não falou com mais ninguém?

VIGÁRIO — Só com o Prefeito.

MAJOR — Logo êle, que fala mais que o negro do leite.

VIGÁRIO — Imaginem que êle achou que eu estava ficando gira. Frisei que a pessoa tinha dito: "Não se lembra mais de mim? Fui seu aluno de catecismo..." Não podia ser uma assombração.

MAJOR — Agora aquêle idiota já botou a bôca no mundo.

VIGÁRIO — Êle ficou muito vexado e disse que ia procurar o senhor.

MAJOR — Tomara que procure antes de falar com alguém.

VIGÁRIO — Por quê?

MAJOR — O senhor ainda pergunta por quê? Imaginou ainda não o que vai acontecer?

VIGÁRIO — Ah, sim, com a volta dêle. Vai ser um Deus-nos-acuda, ninguém vai acreditar. Mas quando se convencerem, vai ser uma festa.

MAJOR — Tenho cá as minhas dúvidas.

VIGÁRIO — Quem sabe? Podíamos até emendar as festas da primeira comunhão com as da...

ANTONIETA — Da ressurreição.

VIGÁRIO — Na verdade é quase uma ressurreição, quase um milagre. Depois de tanto tempo... É coisa pra se comemorar, com missa em ação de graças, quermesse e tudo.

ANTONIETA — Se o Vigário andar depressa, pode até impedir que desarmem as barraquinhas.

VIGÁRIO — Isso mesmo. Aproveitamos 'as quermesses, a decoração da igreja.

ANTONIETA — A Matilde também enfeitou a rua dela com bandeirinhas; dizer a ela pra não tirar.

MAJOR — (*Irônico, irritado.*) Não querem também dar um show?

ANTONIETA — Boa idéia: um show.

VIGÁRIO — No cinema, em benefício da paróquia.

ANTONIETA — Ou na praça, junto da estátua.

VIGÁRIO — Talvez o próprio Cabo Jorge pudesse participar. Me lembro que quando era menino cantava no côro da igreja. E tinha boa voz.

ANTONIETA — Êle viveu na Itália, deve saber canções napolitanas.

O Prefeito entra, muito espantado.

VIGÁRIO — Vai ser um 2 de julho, Seu Major! (*Ao ver o Prefeito.*) Não lhe disse, Cabo Jorge está vivo.

PREFEITO — Menino! Verdade mesmo?!

ANTONIETA — E vamos fazer um forrobodó pra comemorar.

MAJOR — E depois?

ANTONIETA — Depois?...

Ninguém entende o sentido da pergunta do Major.

MAJOR — (*Repete, mais forte.*) E depois? Depois, Seu Prefeito?

PREFEITO — Eu... Sei de nada não, estou chegando agora...

MAJOR — Atentem nisso: há dez anos que esta cidade vive de uma lenda. Uma lenda que cresceu e ficou maior que ela. Hoje, a lenda e a cidade são a mesma coisa.

ANTONIETA — Que tem isso? Você acha que...

MAJOR — Na hora em que o povo descobrir que Cabo Jorge está vivo, a lenda está morta. E com a lenda, a cidade também vai morrer.

VIGÁRIO — É possível que haja um certo choque, uma desilusão. Mas que serão compensados pela alegria de se saber que ele voltou.

MAJOR — Alegria? O Vigário acha mesmo que alguém vai se alegrar com isso?

VIGÁRIO — Oxente, ele deve ter deixado aqui alguns amigos, foi quase noivo de D. Lilinha... (*Para Antonieta.*) Desculpe...

MAJOR — Casos isolados. E mesmo assim, duvi-dê-ó-dó. A verdade é que ninguém pode se alegrar com a volta de um homem que vai fazer todo mundo passar por um vexame.

VIGÁRIO — Vexame?

MAJOR — O vexame de ter cultuado, durante dez anos, o nome de um desertor — com perdão da palavra — de um cagão.

ANTONIETA — Mas que culpa tem ele, coitado?

MAJOR — Não se trata agora de saber quem é ou não é culpado. O que importa é que ele vem destruir tudo, tudo o que se fez nesses dez anos.

PREFEITO — É o que eu acho também.

VIGÁRIO — Sim, muita coisa tem de ser mudada...

MAJOR — Começando pelo nome da cidade.

ANTONIETA — E por que não pode continuar sendo Cabo Jorge? Só por que ele não é mais herói? Nem tôda cidade tem nome de herói.

MAJOR — Porque quando a verdade fôr contada, o mundo inteiro vai mangar de nós. A lenda vai virar anedota. E tôda vez que se falar em Cabo Jorge vai haver uma gargalhada. Vamos ser gozados por todo o mundo!

PREFEITO — (*Muito preocupado.*) Vamos ter também que tirar da praça o monumento.

MAJOR — Claro, vai virar piada.

PREFEITO — Mas o que que vamos fazer com ele?

ANTONIETA — Se não fôsse o fuzil, talvez se pudesse aproveitar na igreja, como imagem de São Jorge...

VIGÁRIO — Que blasfêmia!

ANTONIETA — São Jorge também foi guerreiro, oxente!

VIGÁRIO — Mas, que eu saiba, nunca sentou praça no exército.

ANTONIETA — Porque é uma pena jogar no lixo uma estátua tão bonitinha que, além do mais, foi feita com o dinheiro do povo, em coleta pública.

MAJOR — Isso é que é o pior.

PREFEITO — Em que situação vamos ficar, nós que lançamos a campanha...

ANTONIETA — Aliás, dizem que essa campanha pelo monumento ajudou muito a eleição do prefeito...

PREFEITO — Calúnia. Ainda tive de botar dinheiro do meu bolso. Está aí o Major que não me deixa mentir.

MAJOR — Não deixo mesmo não. Se dinheiro saiu do seu bolso, voltou em dôbro.

PREFEITO — Juro pela Virgem Santíssima...

MAJOR — Não mêta a Virgem nessa estória, Seu Silveirinha, que vão acabar duvidando da virgindade dela. Desculpe, Seu Vigário...

VIGÁRIO — A verdade é que em nome de Cabo Jorge muita pouca vergonha tem sido praticada.

MAJOR — Bem. Eu acho que vocês já entenderam: temos de tomar uma decisão.

PREFEITO — Sobre o quê?

MAJOR — Sobre ele.

VIGÁRIO — Entendo não.

MAJOR — Vocês acham que ele pode voltar?

ANTONIETA — Já voltou.

MAJOR — Só nós sabemos disso. Só nós sabemos que ele está vivo.

PREFEITO — Isso é verdade...

MAJOR — E se deixarmos que ele volte, que todo o mundo saiba de sua galinhagem, seremos também responsáveis pelo que possa acontecer.

PREFEITO — É uma responsabilidade muito grande.

MAJOR — Do tamanho da bomba que vai explodir sobre a cidade.

PREFEITO — O povo pode se enraivecer. E é capaz de haver um pega-para-capar.

MAJOR — Duvido não.

ANTONIETA — Mas por quê?... Ele não tem culpa de nada.

PREFEITO — Como não? Basta estar aqui, vivo, quando todos pensam que morreu pela Pátria.

ANTONIETA — O senhor também está aqui vivo, sem morrer pela Pátria. Também o Vigário e o Major.

PREFEITO — Mas nenhum de nós é herói, nenhum ganhou estátua.

MAJOR — Nenhum fez a cidade festejar, com foguetes e banda de música, seu nascimento, sua morte, sua primeira comunhão. Nenhum acendeu no peito de cada cidadão um falso orgulho, que agora vai ser substituído pelo ridículo e pela vergonha.

ANTONIETA — Também, não fôsse isso, e ninguém tinha tomado conhecimento deste cafundó de Judas.

VIGÁRIO — Isso é verdade: seja lá como fôr, foi graças a ele que a cidade cresceu, ficou famosa, adiantou-se. Se bem que o pecado também tenha se adiantado muito.

ANTONIETA — Sem êle, não se tinha a estrada.

VIGÁRIO — O castelo de Matilde.

ANTONIETA — Os três hotéis que temos hoje.

VIGÁRIO — Com os três cassinos.

ANTONIETA — Sem êle, a gente não estava hoje vendendo azeite-de-dendê pro Brasil inteiro.

VIGÁRIO — Sem êle, os gringos não tinham comprado o xarope de crista de galo que Dodó inventou.

ANTONIETA — E não tinham montado essa indústria farmacêutica que é um orgulho.

MAJOR — Muito bem. E agora, êle volta. A estrada, que ainda está no meio...

PREFEITO — Vai ficar no meio.

MAJOR — A fábrica de xarope...

PREFEITO — “Enfrente a vida com disposição, coragem e energia, tome Fortificante Cabo Jorge e dê cabo da anemia.”

MAJOR — Vai à falência.

PREFEITO — Os cassinos vão ficar às môscas.

MAJOR — E os hotéis vão ter que fechar.

PREFEITO — E o turismo. Pensem no turismo. Já estava dando uma boa renda ao município. Vai tudo por água abaixo.

ANTONIETA — Só resta o azeite-de-dendê.

MAJOR — Talvez sirva pra azeitar a nossa vergonha.

ANTONIETA — Só se êle fôsse pra outra cidade. Salvador, Rio de Janeiro...

MAJOR — Muito perigoso. Mais cedo ou mais tarde era descoberto. Dava no mesmo.

ANTONIETA — Voltar pra Itália?

MAJOR — Era o mais seguro.

VIGÁRIO — E se êle não estiver de acôrdo?

MAJOR — Vai ter de estar.

PREFEITO — Explicamos a situação, apelamos pro seu bom-senso, pro seu patriotismo.

ANTONIETA — E, em último caso, oferecemos algumas vantagens...

VIGÁRIO — Dinheiro?

MAJOR — É justo.

ANTONIETA — Se êle voltar, vamos perder muito mais.

MAJOR — *(Para Antonieta.)* Vá dizer a êle que pode vir. *Antonieta sai.*

PREFEITO — Só que, se êle voltar pra Itália, ela vai ter que ir também.

MAJOR — Por quê?

PREFEITO — Porque é mulher dêle, oxente! A não ser que...

MAJOR — Que o quê?

PREFEITO — Que ela não queira.

MAJOR — *(Um pouco irritado.)* Bem, êsse é um caso a estudar.

Entram Cabo Jorge e Antonieta.

CABO JORGE — Padre Lopes! Seu Silveira! Como vai Lilinha?

PREFEITO — Bem... vai ficar contente com a sua volta.

CABO JORGE — Deve estar zangada comigo. Eu nunca escrevi. Mas quando eu explicar a situação ela vai compreender.

PREFEITO — Claro, claro, todo mundo compreende.

Há uma pausa. Major, Vigário e Prefeito se entreolham, um esperando que o outro tome a iniciativa de falar.

MAJOR — Era melhor que o Vigário falasse.

VIGÁRIO — Não, acho que o Prefeito, como autoridade máxima...

PREFEITO — Mas o Major é tio dêle...

MAJOR — Não é um caso de família.

ANTONIETA — Bem, se ninguém tem coragem de falar, falo eu. Eles querem que você volte pra Itália.

CABO JORGE — Como é?! Pois se ainda nem cheguei!

VIGÁRIO — Acham que você vem atrapalhar a vida de muita gente.

MAJOR — Não só de muita gente, de uma cidade inteira.

PREFEITO — Ia ser uma calamidade.

ANTONIETA — Assim como um terremoto.

VIGÁRIO — Ou um castigo.

CABO JORGE — Entendo não. Como é que eu sozinho posso fazer tudo isso? Só porque vão ver que não sou o super-homem de estória em quadrinhos que vocês inventaram?

MAJOR — Ninguém inventou.

PREFEITO — Não é que a gente tenha, pessoalmente, qualquer coisa contra você.

MAJOR — Claro, ficamos até muito contentes com sua volta, em saber que está vivo, com saúde...

PREFEITO — Mas a cidade, pense na cidade; êsse povo, pense nele...

CABO JORGE — Em mim, ninguém pensa?

MAJOR — Você não tem nada a perder. Pagamos sua passagem de volta e talvez até se consiga algum dinheiro pra você recomençar a vida lá na Itália.

CABO JORGE — E todos continuavam aqui cultuando a memória do herói.

PREFEITO — Como se nada tivesse acontecido.

CABO JORGE — E vivendo à sombra de uma mentira.

MAJOR — Ninguém tem culpa se é mentira.

CABO JORGE — Eu muito menos. E não estou disposto a me sacrificar pra não perturbar o sono de vocês. Já disse que nunca tive vocação pra mártir.

MAJOR — Quer dizer que não concorda?

CABO JORGE — Não. Vim pra ficar e vou ficar... E estou decidido a passar aqui o resto da minha vida. Foi uma decisão que tomei, depois de conhecer um bom pedaço de mundo.

PREFEITO — Explique, Major, explique que isso vai ser a ruína de todos nós.

CABO JORGE — Pelo contrário, acho que vocês vão lucrar com a minha volta. Não sou mais aquele babaquara que saiu daqui. Esse mundão de Deus me ensinou muita coisa. Tenho a cabeça cheia de idéias, posso fazer muito pela cidade.

PREFEITO — *(Em desespero.)* Ele não entende, Major. Seu Vigário, explique... *(Para Antonieta.)* Quem sabe se ele acredita mais na senhora?

MAJOR — Pare com isto, Silveirinha.

PREFEITO — Desculpe, Major, mas é preciso que alguém faça êle entender.

MAJOR — Ouça, rapaz: ninguém tem nada a lucrar com a-sua volta. Todos só têm a perder. Os que perderem menos, vão perder o amor a esta terra e a vontade de viver aqui.

CABO JORGE — Você acha que isto vai acontecer, Antonieta? Você vai fugir daqui, se eu vier pra cá?

PREFEITO — Mas ela não serve de exemplo...

CABO JORGE — Não acredito nisso. Não posso acreditar que um homem seja mais útil morto do que vivo. Do contrário ia ter de acreditar também que todos aquêles infelizes que morreram na guerra foram muito úteis. E que a guerra é uma utilidade, porque fabrica heróis em série.

* PREFEITO — Mas ninguém está dizendo isso. Aqui se trata de um caso particular, uma situação criada...

MAJOR — Seu menino, assunte o que vou dizer e entenda de uma vez; sua volta é uma ameaça para a cidade. E a cidade tem o direito de se defender.

CABO JORGE — Que quer dizer?

MAJOR — Que nenhum de nós se responsabiliza pelo que possa acontecer, se você teimar em não arredar pé daqui.

CABO JORGE — Mas o que é que pode acontecer?

MAJOR — Quem é que sabe? Conselho de amigo: pense até amanhã. Conselho de amigo. *(Sai, abruptamente. O prefeito o segue.)*

VIGÁRIO — *(Reflete.)* Ele diz que ninguém tem nada a lucrar com a sua volta; sei não... Acho que Deus lucraria muito.

ANTONIETA — Deus?

VIGÁRIO — *(Parece súbitamente iluminado.)* É verdade que isso isso ia cair sôbre essa gente como uma praga. Mas há momentos em que nada é tão útil como uma praga, pra varrer a terra de todo o pecado. Deus ajuda e perdoa, mas também castiga. *(Fita Cabo Jorge, como se o visse agora sob nova luz.)* Quem sabe se não foi Ele quem mandou você, pra isto? Como um castigo?

Muda a luz. Na praça, diante do monumento, Major e Prefeito param.

MAJOR — Vou mandar um jagunço pra vigiar a casa; êle não deve sair.

PREFEITO — Ainda tem esperança de convencer o homem?

MAJOR — Tenho ainda um recurso. Não queria, mas vou ter de usar. Embarco pro Rio hoje mesmo. Êle não sabe que está perdido. *(Sai.)*

PREFEITO — *(Contempla o monumento, balança a cabeça.)* E agora, que é que eu vou fazer com esta pinóia?

PANO

FIM DO PRIMEIRO ATO

Segundo Ato

Sétimo Quadro

CÔRO

(Junto à estátua, sob um jato de luz.)

À sombra desta estátua
uma cidade cresceu,
cresceu, cresceu, cresceu,
à sombra dela cresceu.
Barriga também cresceu
de muita gente cresceu.

Surgem Major, Prefeito e Vigário com enormes barrigas. Cantam e dançam.

MAJOR

Tenho a consciência tranqüila,
tudo o que dizem é intriga;
quem é que após os cinquenta
e que regime não siga,
pode evitar de criar
uma respeitável barriga?

PREFEITO

Se alguma coisa comemos
— viver não há quem consiga
sem qualquer coisa ingerir —
verdade é bom que se diga:
nem um tostão desse povo
entrou em nossa barriga.

VIGÁRIO

Não há quem a Deus sirva
e que a Satanás persiga
que trace um caminho reto
e sem desviar-se o siga,
se Deus lhe enche a alma
e o Cão lhe enche a barriga.

Surge Antonieta, também com enorme barriga.

ANTONIETA

Desgraça pior é a minha
em tôda essa cantiga;
não vou lançar na cegonha
a culpa desta barriga;
pra não implicar o Major,
melhor dizer que é lombriga.

CÔRO

A sombra desta estátua
uma cidade cresceu,
cresceu, cresceu, cresceu,
à sombra dela cresceu.
Barriga também cresceu,
de muita gente cresceu.
E agora, que fazer?
que a estátua virou,
virou, virou, virou,
de nôvo gente virou...

A estátua se anima: é o próprio Cabo Jorge. Todos fogem, gritando apavorados.

TODOS — Nossa cidade morrem!

CABO JORGE — Antes ela do que eu!

FIM DO SÉTIMO QUADRO

Oitavo Quadro

A ESTÁTUA está de nôro no seu pedestal. Homens, comandados pelo Prefeito, enfeitam a praça com bandeirinhas e penduram faixas que dizem: Seja Bem-vindo Cabo Jorge — Salve Cabo Jorge — A Cidade Recebe com Orgulho seu Heróico Filho, etc... Os meninos também ajudam, ruidosamente. A música, que não cessou durante a mutação, continua ainda um tempo, descritiva.

MULHER GRÁVIDA — Mas êle não tinha morrido?

VENDEDOR — Morreu não. Ficou todo picotado de bala, mas não morreu. Cabra danado. Devia ter o corpo fechado.

MULHER GRÁVIDA — Ou então foi o Senhor do Bonfim que tirou o efeito das balas. Não foi o Senhor do Bonfim que mandou êle avançar contra os alemães?

VENDEDOR — Tinha de fazer alguma coisa por êle.

MULHER GRÁVIDA — Mas por que é que só agora descobriram que êle estava vivo?

VENDEDOR — Dizem que ficou deslebrado. Andou vagando lá pelas Oropa, sem saber quem era. Por isso é que eu não acredito muito que tenha sido do Senhor do Bonfim a voz que êle ouviu.

MULHER GRÁVIDA — Por que, oxente?

VENDEDOR — Senhor do Bonfim é santo da terra. Então não ia ensinar logo pra êle o caminho de casa?

MULHER GRÁVIDA — Lá isso é. Deve ter sido santo estrangeiro.

LILINHA — *(Entra, muito excitada, mas não muito satisfeita.)* Quando êle chega?

PREFEITO — Deve chegar no trem de amanhã. Não tenho ainda certeza. Mas é preciso ir preparando tudo, enfeitando a cidade, quero uma recepção de arromba.

LILINHA — Falei com Zé Fogueteiro. Botou a mulher e os nove filhos pra trabalhar sem descanso até a hora da chegada.

PREFEITO — Quero um foguetório como nunca se viu. Nem em noite de S. João.

LILINHA — Mestre Fafá já está ensaiando a Lira. Só que êle teima em tocar aquêle dobrado da autoria dêle mesmo.

PREFEITO — Que toque. Com tanto foguete, ninguém vai ouvir nada. O meu improviso, você escreveu?

LILINHA — Vou escrever agora.

PREFEITO — Depressa, que eu preciso decorar.

LILINHA — Que é que o senhor quer que eu diga?

PREFEITO — Fale no orgulho da cidade, na glória da cidade, essa coisa tôda. Não se esqueça de mencionar a campanha do mo-

numento e de dizer que isso se deve a mim. Fale também no Major, na viúva, na estrada. E veja se dá pra encaixar o nome de Deus em qualquer lugar.

LILINHA — Encaixo tudo, menos o nome da viúva. Esse, se o senhor quiser que encaixe.

PREFEITO — Vamos deixar de nove horas. Ela é casada com êle, se lembra disso. Você não tem direito nenhum.

LILINHA — E eu estou dizendo que tenho? Ele vivo ou morto, pra mim tanto faz como tanto fêz. O senhor bem sabe que renun-
cei a tudo, que estou casada com Deus Nosso Senhor.

PREFEITO — Pois então...

LILINHA — Mas botar o nome dela no discurso eu não boto. *(Inicia a saída e pára.)* E não pense que o senhor me engabela com essa história de que êle só chega amanhã; eu sei que êle já chegou há muito tempo e está na casa dela.

Vigário entra.

PREFEITO — Quem lhe disse?! *(Lilinha sai, volta-se para o Vigário.)* Foi o senhor?

VIGÁRIO — Não dei uma palavra a ninguém. Mas a idéia também não me agrada muito. Quem teve?

PREFEITO — A viúva mesmo. Uma idéia bêsta, que resolve tudo. Não sei por que ninguém pensou nisso logo de início.

VIGÁRIO — O Major já sabe?

PREFEITO — Não, êle está no Rio, chega hoje. Estamos esperando por êle pra fazer a chegada triunfal. Prepare os sinos. Vai ser uma aleluia!

VIGÁRIO — Estou vendo.

PREFEITO — Me admira que o senhor não esteja animado.

VIGÁRIO — Vamos ter então que esconder a verdade.

PREFEITO — Só eu, o senhor, o Major, e a viúva. Fazemos um juramento...

VIGÁRIO — Eu não faço juramento nenhum.

PREFEITO — Está bem, o senhor não precisa jurar. Como padre, o senhor tem obrigação de guardar o segredo de uma confissão.

VIGÁRIO — Não foi em confissão que vim a saber.

PREFEITO — Bem, faz de conta. Isso é um detalhe.

VIGÁRIO — Um detalhe muito importante, Seu Silveirinha. Muito importante. *(Sai.)*

ANTONIETA — *(Entrando.)* Ah, estou cansada de esperar lá na Estação.

PREFEITO — O Major não veio?

ANTONIETA — O Maria Fumaça, como sempre, está atrasado.

PREFEITO — A falta que faz a estrada de rodagem.

ANTONIETA — Também, agora ela sai. Se em nome de um defunto o Major conseguiu tanta coisa, o que não vai conseguir com o defunto vivo.

Entram, Major e General. Este veste uma capa, mas está à paisana. Ambos se mostram surpresos com o movimento e a decoração da praça. Principalmente o Major.

MAJOR — Não estou entendendo... Não estou entendendo nada. *(Vê o grupo formado por Antonieta, Vigário e Prefeito.)* O senhor podia esperar aqui um minutinho, eu vou saber que doideira é essa.

PREFEITO — Olhe o Major...

ANTONIETA — Oxente, eu saí da Estação agora mesmo...

MAJOR — Que maluquice é essa?

ANTONIETA — Maluquice nada, está tudo resolvido.

PREFEITO — Encontramos a solução.

ANTONIETA — Agradeça a mim.

PREFEITO — Ele volta, mas volta como herói mesmo.

MAJOR — E esse tempo todo, como vamos explicar?

ANTONIETA — Hospital, campo de concentração, perda de memória.

PREFEITO — Assim, não muda nada.

MAJOR — E ele está de acôrdo?

ANTONIETA — Cabo Jorge? Qual é o dêle? Vai ser recebido com foguete e banda de música, viver adorado pelo povo, com certeza vai ganhar medalha e pensão do Estado. Só tem de contar umas mentirinhas de vez em quando e engolir discurso. Mas que diabo, eu faço isso há dez anos e não me queixo.

MAJOR — É, é uma boa idéia. Por que não pensamos nisso antes. Eu não tinha ido ao Rio de Janeiro. Agora vamos ter de falar com êle.

PREFEITO — Êle quem?

MAJOR — Sabe quem é aquêle? Um General.

PREFEITO e ANTONIETA — Um General?!

General desce até êles.

MAJOR — O General me desculpe tôda essa maçada. Fazer o senhor vir até aqui... Mas eu achei que era meu dever comunicar...
(*Apresenta.*) O Prefeito da cidade, a espôsa de Cabo Jorge.

Cumprimentos de cabeça.

MAJOR — Afinal de contas, êle é um herói militar. E o Exército é o Exército.

PREFEITO — A farda é sagrada.

MAJOR — Pra nós, a situação era muito desagradável. Mas quem ia ficar em posição ainda mais incômada eram os senhores. Há um batalhão com o nome dêle.

PREFEITO — Um batalhão.

MAJOR — Felizmente, nem havia necessidade do senhor vir aqui. Encontrou-se uma solução, ao que parece. Êle volta, mas nada se conta de sua deserção.

ANTONIETA — E continua tudo como dantes: a honra do Exército, o prestígio do Major, o progresso e a glória da cidade.

GENERAL — E nós todos nas mãos de um vigarista. (*Há uma surpresa geral com a reação violenta do General.*) A senhora acha então que o Exército pode ser cúmplice de uma impostura?

ANTONIETA — Mas não há outro jeito.

PREFEITO — Já quebramos a cabeça.

GENERAL — E escolheram a solução mais cômoda.

PREFEITO — Foi a única que encontramos.

GENERAL — Pois temos de encontrar outra, essa não serve. É incompatível com a dignidade militar.

MAJOR — Sim, claro, claro. Pensando bem, é até uma ofensa, propor semelhante solução. O senhor me desculpe. *(Com intenção, encarando Antonieta.)* É que há pessoas ansiosas pela volta do Cabo, a qualquer preço.

GENERAL — Ele é seu sobrinho, não é, Deputado?

MAJOR — Meu sobrinho... sobrinho de minha mulher. Meu sobrinho por afinidade. Mas vamos esquecer esse parentesco, General. Em toda a minha vida de deputado, nunca fiz política de família.

PREFEITO — Lá isso é verdade.

MAJOR — Sou um homem público. E neste caso só vejo o interesse do meu povo e da minha Pátria. Esse rapaz é um desertor. Acho que o senhor deve levá-lo preso para o Rio.

GENERAL — Talvez.

MAJOR — Ou então embarcá-lo de volta pra Itália.

GENERAL — Tenho de estudar o caso.

PREFEITO — A gente não pode se conformar é com...

MAJOR — Com o ridículo!

PREFEITO — A vergonha!

GENERAL — Não, isso não. Voltar, de modo algum ele pode voltar.

ANTONIETA — Mas agora todo mundo já sabe que ele está vivo. Pensa que vai chegar amanhã!

MAJOR — Digam que foi um rebate falso. Não era Cabo Jorge. Um maluco qualquer que se dizia Cabo Jorge. Vocês, que inventaram essa história, que dêem o jeito. *(Aponta as faixas.)* E mandem

arrancar essa palhaçada. *(Para o General.)* O General quer interrogar o rapaz?

GENERAL — Não, primeiro um banho. Estou louco por um banho. Me arranjem um hotel.

MAJOR — Nada disso. O senhor vai pra minha casa. Faça questão.

PREFEITO — A minha também está às ordens. É casa de pobre, mas...

MAJOR — Tenho um quarto à sua disposição, General. Vamos.

GENERAL — Um ponto importante: ninguém deve saber de minha presença na cidade. Estou em missão reservada. Absolutamente reservada.

MAJOR — Entendido.

GENERAL — Com licença, madame.

Saem, Major e General, deixando Antonieta e Prefeito um tanto perplexos.

FIM DO OITAVO QUADRO

Nono Quadro

EM casa de Antonieta. Lilinha entra na sala, conduzida pela Surda-Muda. Cabo Jorge está de quatro, com a cabeça enfiada embaixo do sofá, procurando algo. Lilinha, presa de grande emoção, ao dar com êle nessa posição, fica indecisa.

LILINHA — É êle?... (Examina de vários ângulos o traseiro de Cabo Jorge.)

A Surda-Muda balança afirmativamente a cabeça e sai.

LILINHA — Nunca pensei que depois de tanto tempo viesse dar com êle nesta posição!

CABO JORGE — (Levanta-se.) Desculpe, eu estava... (Reconhece-a.) Lilinha!

LILINHA — Não. Me toque não.

CABO JORGE — (Chocado.) Lilinha!...

LILINHA — Fique onde está. Quero só olhar bem pra você.

CABO JORGE — (Incomodado com o olhar' estranho de Lilinha.) Que é? Mudei muito? Quinze anos...

LILINHA — Se mudou!

CABO JORGE — Engordei um pouco. Sabe, Itália, macarrão...

LILINHA — Quinze anos. E não morreu. E até engordou.

CABO JORGE — Preferia que eu tivesse morrido?

LILINHA — Mil vezes. Que Deus me perdoe.

CABO JORGE — (Êle fica um tanto desarmado.) Então era assim que você gostava de mim? Que jurou uma vez não olhar pra outro homem até que eu voltasse?

LILINHA — Avalie você que papelão, se eu cumpro o juramento. E a verdade é que cumpri.

CABO JORGE — Não se casou?

LILINHA — Fui, durante quinze anos, "a namorada de Cabo Jorge, o primeiro amor de Cabo Jorge". No princípio, pensei até em entrar pra um convento.

CABO JORGE — Mas eu não tenho culpa.

LILINHA — E de quem é a culpa? Minha? Mereço isso?... Depois de quinze anos, tudo se acaba assim, de uma hora pra outra...

CABO JORGE — (Sem entender.) Como se acaba, se eu voltei, estou aqui!

LILINHA — É isso mesmo, você voltou, está aqui e está tudo acabado.

CABO JORGE — Compreendo, seu pai lhe contou a verdade, e você sente vergonha de mim. Claro que não vou ao ponto de achar que meu procedimento mereça uma estátua. Mas será que sou tão repulsivo assim? Só porque num momento lá da minha vida achei que era um homem livre e podia usar a minha liberdade como bem entendesse. Então, pra que o homem é livré, senão pra isso, pra escolher o seu caminho?

LILINHA — Não estou reclamando nada. Sei que não tenho direito nenhum. Você seguiu o seu caminho e eu, burra, devia ter seguido o meu. Você não tem culpa de nada. A culpa é toda minha.

CABO JORGE — Não, diga o que pensa. Pode dizer. Eu sei que você veio aqui pra me chamar de poltrão, de covarde.

LILINHA — Foi então por covardia?

CABO JORGE — Covardia, instinto de conservação, medo, loucura, sei lá... Mas o que importa é que estou vivo. Vivo.

LILINHA — *(Estarrecida.)* E ela sabe?

CABO JORGE — Ela, quem?

LILINHA — D. Antonieta. Ela sabe que foram esses os motivos que levaram você a se casar com ela?

Antonieta entra.

CABO JORGE — Que estória é essa?!

LILINHA — Oh, eu nunca imaginei!... Um homem que enfrentou o exército alemão de peito aberto, um herói nacional!... *(Sai.)*

CABO JORGE — Ei, espere!

Ele faz menção de correr atrás de Lilinha, mas Antonieta o detém.

ANTONIETA — Deixe ela ir. Precisamos ter uma conversa.

CABO JORGE — Também acho. *(Olha-a fixamente.)* Então o falecido era eu!

ANTONIETA — A idéia não foi minha não.

CABO JORGE — De quem foi?

ANTONIETA — Do Major. Ele queria que eu viesse pra cá, e foi esse o pretexto que arrumou.

CABO JORGE — Inventou que você havia casado comigo...

ANTONIETA — Secretamente, antes de você partir pra guerra. Estava deixando ele chegar hoje, pra lhe contar tudo.

CABO JORGE — E os papéis?

ANTONIETA — Oxente, gente, terra onde defunto vota, por que é que não casa?

CABO JORGE — Falsificou.

ANTONIETA — Tão bem falsificado que até pensão eu recebo do Estado.

CABO JORGE — Agora estou compreendendo a razão de sua influência. Além de amigo do Major, viúva do Cabo...

ANTONIETA — E cabo eleitoral do Major.

CABO JORGE — O velho é danado. Mas não sei como ele descobriu você.

ANTONIETA — Fui eu quem fui levar no escritório. dêle a carta que chegou do Exército comunicando a sua "morte em ação".

CABO JORGE — Mas e agora? Eu voltando, você deixa de ser viúva...

ANTONIETA — Passo a ser a espôsa de Cabo Jorge.

CABO JORGE — E o Major?

ANTONIETA — Ora, êle tem que se conformar.

CABO JORGE — Mas eu é que não me conformo. Antes, o corno era êle, agora o corno sou eu.

ANTONIETA — Eu podia ser fiel. Foi uma experiência que nunca tentei.

CABO JORGE — Não se deve exigir demais da natureza.

ANTONIETA — Queira ou não queira, você está casado comigo, de papel passado e tudo.

CABO JORGE — Uma ova. Se quiser, meto vocês todos na cadeia.

ANTONIETA — E casa com Lilinha.

CABO JORGE — Caso com quem quiser. Quem decide a minha vida sou eu.

ANTONIETA — *(Sorri.)* Você que pensa. Sua vida vai ser decidida hoje, e não por você.

CABO JORGE — Não estou entendendo.

ANTONIETA — Não vai haver mais desfile, chegada triunfal, nada.

CABO JORGE — Mas não estava tudo combinado, não estavam todos de acôrdo?

ANTONIETA — Todos, menos o General.

CABO JORGE — Que General?

ANTONIETA — O Major chegou do Rio e trouxe um General. Ele é quem vai decidir.

CABO JORGE — Mas por que era preciso um General?

ANTONIETA — Sei lá. A coisa está ficando cada vez pior. E se eu fôsse uma criatura sensata estava agora era convencendo você a desistir.

CABO JORGE — E abandonar a cidade?

ANTONIETA — Se isso ainda fôsse possível.

CABO JORGE — Não é mais?

ANTONIETA — Até ontem, era. Agora, não sei. Os jagunços do Major estão tocando a Estação e a estrada. Até mesmo nossa casa está sendo vigiada. Eles agora não vão deixar você sair da cidade.

CABO JORGE — Mas quando cheguei não queria que eu voltasse no mesmo pé?

ANTONIETA — Já lhe disse, a coisa mudou com a chegada do General. Quer um conselho? Faça o mesmo que fêz na guerra: sebo nas canelas. Se você ficar aqui, vai ser pior. Fuja e se esconda em qualquer lugar. Faça isso enquanto é tempo.

CABO JORGE — Esconder aonde?

ANTONIETA — Numa hora dessas, acho que só dois lugares oferecem segurança: a igreja ou o castelo de Matilde.

CABO JORGE — (*Ainda indeciso.*) Mas por que tenho de fugir?

ANTONIETA — Porque cada minuto que passa fica mais difícil você escapar.

CABO JORGE — Escapar de quê? Da cadeia? Não podem me prender, fui anistiado.

ANTONIETA — Não sei o que eles estão pensando em fazer, mas é bom que espere pelo pior.

CABO JORGE — O pior...

ANTONIETA — No princípio, não entendi bem, mas agora compreendo o que significa pra eles a sua volta.

CABO JORGE — Não é possível!

ANTONIETA — Conheço eles e conheço a situação. É bêsta, mas é como é. Se fôsse você, ganhava o mundo agora mesmo.

CABO JORGE — (*Perplexo.*) Estão loucos! Estão todos loucos!

ANTONIETA — Estão não. Estão com a cabeça no lugar. Louco é você de querer bancar o cabeçudo.

CABO JORGE — Eu não vim pra fazer mal a ninguém. Pelo contrário. Tudo isso não tem pé nem cabeça.

ANTONIETA — Se eu pudesse, juro, ia com você.

CABO JORGE — Adiantava não. Você só ia atrapalhar. (*Inicia a saída.*) Tem um jagunço rondando a casa.

ANTONIETA — Deixe o jagunço por minha conta. Fuja pelos fundos, enquanto eu distraio ele.

CABO JORGE — Está bem. Se a gente não se encontrar mais...

ANTONIETA — Perca tempo com isso não.

Cabo Jorge sai.

ANTONIETA — (*Dirigindo-se ao jagunço, coquete.*) Môço? Está cansado de ficar aí nessa soleira não? Venha tomar um pouco de sombra.

FIM DO NONO QUADRO

Décimo Quadro

MAJOR e Antonieta estão em cena.

MAJOR — Como é possível? Então o homem evaporou-se!

ANTONIETA — Quando cheguei da rua tinha dado o sumiço.

MAJOR — E agora, o que é que eu vou dizer ao General? Fiz o homem vir do Rio de Janeiro só pra isso, pra resolver o que vamos fazer com essa bomba. E agora tenho de chegar a êle e dizer: Vosmicê me desculpe, mas a bomba já estorou.

ANTONIETA — Você não tinha mandado vigiar a casa?

MAJOR — Botei um jagunço em cada esquina.

ANTONIETA — E o Cabo passou por todos êles?

MAJOR — Como a figura do Cão.

ANTONIETA — E será que não era não?

MAJOR — O quê?

ANTONIETA — O Cão em figura de gente. Vindo só pra atentar.

MAJOR — Só sendo mesmo. Porque isso vai ser o fim de todos nós.

ANTONIETA — Também você não tinha nada de chamar um General. Nós aqui podíamos resolver a coisa.

MAJOR — Não chamei ninguém. Só comuniquei o caso ao Ministério da Guerra. Se mandaram um General é porque compreenderam a gravidade da situação. E foi bom, ainda mais porque livra a nossa responsabilidade. O que êle resolver, está resolvido. E êle não vai admitir que êsse borra-botas desmoralize a farda que vestiu. Vai ter que dar sumiço nêle.

ANTONIETA — Que espécie de sumiço?

MAJOR — É o que vamos ver. De uma coisa você fique certa: nesta casa êle não dorme mais.

ANTONIETA — E de uma coisa você precisa saber: êle já está sabendo de tudo a nosso respeito.

MAJOR — Tudo o que?

ANTONIETA — O casamento que você me arranjou e tudo mais.

MAJOR — Você quem disse?

ANTONIETA — Não, Marília, a filha do Seu Silveirinha.

MAJOR — Estêve aqui?

ANTONIETA — Estêve. E agora eu acho que nós estamos mais perto do xilindrô do que êle.

MAJOR — Mais uma razão.

ANTONIETA — Pra quê?

MAJOR — Pra caçar esse cabra e dar um jeito nêle. (*Volta-se para ela, desconfiado.*) Você não sabe mesmo onde êle se meteu?

ANTONIETA — Sei não, homem, já disse. Se soubesse, não era de meu interêsse dizer? Ele pode me meter na cadeia.

MAJOR — Inda bem que você entendeu. Pensei que estivesse com ilusão de que êle quisesse legalizar esse casamento.

ANTONIETA — Foi coisa que nunca me passou pela cabeça.

MAJOR — E é só isso não. A pensão do Estado, sua situação aqui, tudo você ia perder. Já pensou?

ANTONIETA — Já. E mesmo assim, eu queria lhe pedir um favor. Deixe êle fugir.

MAJOR — Deixar?... Você está louca?

ANTONIETA — É um pedido que eu lhe faço. Ele está apavorado, vai ganhar o mundo e nunca mais bota os pés aqui. Eu garanto.

MAJOR — Você garante. Então foi você quem ajudou êle a escapar.

ANTONIETA — Ele não merece..

MAJOR — Tu é a mulher mais burra que eu já conheci. Que é que tu tem dentro dessa cabeça? Merda?

ANTONIETA — Eu sabia, sabia o que vocês iam fazer com êle... E não podia, não podia deixar!

MAJOR — O que eu não sei agora é o que fazer com você. A vontade que tenho é de te arrebentar de pancada. (*Ameaça agredi-la.*) Tua sorte é que eu não tenho tempo. Mas tu não perde por esperar. Pra onde êle foi?

ANTONIETA — Sei não. Juro que não sei.

MAJOR — (*Sacode-a brutalmente.*) Diga, sua égua! Diga, que de nós todos tu é quem mais tem a perder! Será que ainda não entendeu isso? Ele vai te desgraçar a vida. Vai te meter na cadeia e casar com Lilinha! Não entende que foi por causa dela que êle voltou, sua idiota?

ANTONIETA — Mas eu não sei. Não sei pra onde êle foi.

FIM DO DÉCIMO QUADRO

Décimo Primeiro Quadro

No bordel, Cabo Jorge sentado sobre uma mesa, já meio "alegre", cercado pelas prostitutas, canta.

CABO JORGE

Vivemos tempos que não são os nossos,
aprendemos línguas
que jamais seremos capazes de falar;
caminhamos para um mundo
onde sucumbiremos de tédio,
embora tenhamos por ele lutado.

Os que vieram antes de nós
nos roubaram tôdas as causas,
tôdas as bandeiras
e sòmente uma opção nos deixaram
os que vieram antes de nós:
o Sexo ou a Revolução.

O tempo do homem é chegado!
Matemos então um bocado deles.
Aqui está a grande verdade:
vivemos a hora das posições absolutas.
Direita volver! esquerda volver!
Ou vamos à guerra, ou vamos às putas.

As mulheres riem e aplaudem.

MATILDE — Onde você aprendeu tanta coisa, Cara de Anjo?

CABO JORGE — Por aí, correndo mundo.

RAPARIGA 1 — E o que foi que você fêz pra correr mundo?

CABO JORGE — Prometi matar muita gente, ou deixar que me matassem.

RAPARIGA 2 — E não fêz nem uma coisa nem outra, garanto.

MATILDE — Você não é de matar ninguém, Cara de Anjo.

CABO JORGE — É, parece que não consegui ser nem tão mau, nem tão burro pra merecer uma estátua. Por isso estão me cobrando.

MATILDE — Quem?

CABO JORGE — Seus fregueses.

RAPARIGA 2 — É gira.

RAPARIGA 1 — Eu só queria viajar pra conhecer Pigalle. Um marinho francês me falou. Uma rua inteira só de mulheres.

CABO JORGE — O mundo tem muitas ruas assim. É tudo igual.

MATILDE — Mas dizem que lá em Paris a profissão é muito bem organizada.

CABO JORGE — Não só a profissão, o amadorismo também.

RAPARIGA 2 — A concorrência deve ser muito grande.

MATILDE — Minha filha, sem concorrência não pode haver progresso. Não há estímulo, ninguém se esforça, ninguém pode se aperfeiçoar. É ou não é?

CABO JORGE — Claro! Está provado que o monopólio estatal da prostituição é um erro.

RAPARIGA 1 — Assim como aqui.

CABO JORGE — Viva a livre empresa! *(Bebe.)*

RAPARIGA 1 — Por isso as francesas chegaram ao ponto que chegaram.

RAPARIGA 2 — Ah, detesto as francesas: não têm moral nenhuma.

RAPARIGA 1 — Tu tem é despeito.

Ouvem-se uma sineta de porta.

MATILDE — Oxente, gente, será que a freguesia mudou de horário? É cedo ainda... *(Sai.)*

RAPARIGA 1 — Cidade boa é que tem marinheiro. Aqui, êsses tabaréus são uns porcos.

CABO JORGE — Viva a Marinha! *(Bebe.)*

RAPARIGA 2 — E você o que é?

CABO JORGE — Profissão? Herói.

RAPARIGA 1 — *(Ri.)* E onde foi que você arrumou essa profissão?

CABO JORGE — Na guerra. Lutei sozinho contra Hitler, contra Mussolini, contra a "Wehrmacht" e a "Luftwaffe"! Contra os campos de concentração e as câmaras de gás! Sozinho contra os alemães, contra os italianos, contra os ingleses e os americanos. Contra os russos!

RAPARIGA 1 — Lutou contra todos!

CABO JORGE — Contra a guerra.

RAPARIGA 2 — Garganta pura.

CABO JORGE — Ah, mas é muito dura a profissão de herói. Se eu tivesse morrido, era fácil. Ou se tivesse sido herói por acaso, sem querer, como muitos. Mas sou um herói por convicção. Um herói de carreira. Por isso tenho de ser herói vinte e quatro horas por dia. É cansativo.

RAPARIGA 2 — Nunca ouvi tanta garganta em minha vida.

Entram de súbito, Major e Prefeito. Matilde surge logo depois assustada.

MAJOR — *(Aponta para Cabo Jorge.)* Ai está êle.

PREFEITO — Pode vir, General.

General entra. Cabo Jorge, um tanto surpreso, desce de cima da mesa.

MATILDE — *(Apressadamente.)* Nós não temos nada com êle não. Entrou aqui... Sabe, isto é uma casa pública...

MAJOR — *(Faz sinal para que se cale.)* Vá lá pra dentro. E leve as outras.

MATILDE — Meninas...

RAPARIGA 1 — *(Saindo.)* Ele chamou o velho de General.

RAPARIGA 2 — Deve ser apelido.

As mulheres saem.

MAJOR — Sente-se, General.

PREFEITO — Mas vamos fazer isso aqui?...

MAJOR — Que jeito?

PREFEITO — Não acho que seja um lugar muito apropriado. Principalmente pro General.

MAJOR — Sua Excelência deve compreender a situação.

PREFEITO — Se alguém viu a gente entrar, amanhã tôda a cidade vai saber. E como vamos justificar?

MAJOR — Acho que ninguém vai imaginar que viemos aqui pra...

PREFEITO — E vão imaginar que viemos fazer o que?

MAJOR — Bem, é um risco que temos de correr. Mais perigoso era sair com êle daqui agora.

GENERAL — E eu não tenho tempo a perder. Preciso voltar e deixar êste caso resolvido. *(Volta-se para Cabo Jorge.)* Você é Cabo Jorge?

CABO JORGE — *(Perfilase.)* Cabo Jorge Medeiros, Fôrça Expedicionária Brasileira, 6º Regimento de Infantaria.

GENERAL — O boletim do seu Regimento o dá como morto em ação no dia 18 de setembro de 1944. "Morte heróica", segundo o elogio do comandante do seu batalhão. Que é que o senhor tem a dizer a isso?

CABO JORGE — Eu? Sinto muito...

GENERAL — O senhor sabe quem era êsse comandante? Era eu.

CABO JORGE — Eu bem estava reconhecêndo...

GENERAL — O senhor sabe que há um batalhão no Exército com o seu nome?

* CABO JORGE — Não, sabia não.

GENERAL — Sabe que na História da Campanha da Itália, que eu escrevi, há um capítulo inteiro dedicado ao senhor?

CABO JORGE — Que vexame, General.

GENERAL — Vexame para mim.

MAJOR — Pra todos nós.

CABO JORGE — Mas o que é que os senhores querem que eu faça? Que volte pra Itália?

PREFEITO — É a solução.

CABO JORGE — Não é solução. Se voltar, serei prêso.

MAJOR — Prêso?

CABO JORGE — Já contei que pra fugir tirei a roupa de um camponês.

MAJOR — Um camponês que estava morto na estrada.

CABO JORGE — Não estava morto, eu matei o homem. Julguei que tivesse matado a mulher também, mas ela ficou só desacordada. Agora, dez anos depois, a miserável me descobriu e reconheceu. Me denunciou, e eu tive de fugir.

PREFEITO — *(Julgando haver descoberto o meio de livrar-se dele.)* Então temos de entregar êle à justiça italiana. É um assassino.

CABO JORGE — Se me entregarem, vou ter de dizer quem sou. A notícia, com toda a certeza, vai chegar até aqui.

MAJOR — E dá tudo no mesmo.

GENERAL — Não, não serve. A honra do Exército não pode ficar dependendo da sorte de um homem.

MAJOR — Mas se ele não pode voltar pra Itália...

PREFEITO — Nem pr'aqui.

GENERAL — A verdade é que não tem nenhum sentido ele estar vivo. É uma vergonha para o Exército e um contra-senso. A morte dele consta da Ordem do Dia de 18 de setembro de 1944 do 6º Regimento. Foi uma morte heróica, apontada como exemplo de bravura do nosso soldado. Atentem bem os senhores no que isso significa: há um batalhão com o nome dele. Isto é definitivo. Para o Exército, ele está morto e deve continuar morto.

Rapariga 1 passa com uma pequena bacia cheia d'água e uma toalha de rosto ao ombro. General a detém. Lava as mãos na bacia, enxuga-as na toalha.

RAPARIGA 1 — Essa água era pra mim. (Sai.)

GENERAL — Resolvam os senhores como entenderem. (Dá as costas.)

Major e Prefeito se entreolham.

PREFEITO — Resolver como?

MAJOR — Fiquem aqui com ele, tenho um negócio a tratar com Matilde. (Sai.)

CABO JORGE — Como é que vão resolver?

General continua de costas. Prefeito tem o olhar frio, impenetrável.

CABO JORGE — (*Sorri amarelo.*) Parece que a única maneira de não desmentir o Boletim do meu Regimento era eu dar um tiro na cabeça ou beber formicida. Só que me falta coragem pra isso. Sempre tive um medo danado de morrer. É tão bom a gente estar vivo. E melhor ainda é estar vivo na terra da gente. Não estou dizendo isso pra comover ninguém, não. Palavra que vim cheio de planos, de vontade de trabalhar. Com a experiência que tenho agora, acho que podia ser útil. Vi muita coisa, aprendi muita coisa, por esse mundo afora. Fui covarde, quando era preciso, fui cruel, quando não havia outro jeito; mas fui bom também, muitas vezes. Um homem é isso, afinal. E ou não é?

Prefeito e General continuam impassíveis.

CABO JORGE — Sabem o que eu acho? Que o tempo dos heróis já passou. Hoje o mundo é outro. Tudo está suspenso por um botão. O botão que vai disparar o primeiro foguete atômico. Este é que é o verdadeiro herói. O verdadeiro Deus. O deus-botão. Pensem bem: o fim do mundo depende do fígado de um homem. (Ri.) E vocês ficam cultuando a memória de um herói absurdo. Absurdo sim, porque imaginam ele com qualidades que não pode ter. Coragem, caráter, dignidade humana... não vêem que tudo isso é absurdo? Quando o mundo pode acabar neste minuto. E isso não depende de mim, nem dos senhores, nem de nenhum herói. (Pausa. Sonda os rostos impassíveis do General e do Prefeito.) Adianta não. Vocês querem porque querem um herói. A glória da cidade precisa ser mantida.

Entra Major, seguido de Matilde.

MAJOR — Acho que podemos ir, General. O senhor não tem de pegar o trem desta noite?

GENERAL — Tenho.

MAJOR — Então, vamos. Está tudo resolvido. (Inicia a saída, deixando que o General passe à frente.)

CABO JORGE — E eu?

MAJOR — Você? Divirta-se. Vamos levar o General e voltamos mais tarde. *(Sai com General e Prefeito.)*

CABO JORGE — Ele me parece de repente muito tranqüilo. Isso não é bom sinal.

Entram Rapariga 1 e Rapariga 2, que cercam Cabo Jorge.

MATILDE — Que é isso, Cara de Anjo? Com medo?

RAPARIGA 1 — Um herói não tem medo, não.

CABO JORGE — Que foi que ele conversou com vocês?

MATILDE — Negócios. Falamos de negócios. E por falar nisso, bebida, tragam mais bebida. Precisamos comemorar.

RAPARIGA 1 — Cerveja?

MATILDE — Não, coisa mais forte. Aquêles côcos com pinga dentro. O acontecimento merece.

CABO JORGE — Que acontecimento?

MATILDE — Vamos abrir um nôvo *rendez-vous*.

RAPARIGA 1 — *(Ri.)* Só quero ver a cara do Vigário. *(Traz vários côcos que coloca sobre a mesa.)*

RAPARIGA 2 — Vocês vão ver: vai fazer um sermão por dia contra nós e mandar a beataria jogar pedras na gente.

MATILDE — Se preocupe não. O Major disse que deixe o Vigário por conta dele. Sabe, quando eles querem se entendem.

RAPARIGA 2 — O Vigário tem razão, uma casa basta.

RAPARIGA 1 — Fresca!

MATILDE — Não vê que aumentando o mercado todo mundo lucra?

RAPARIGA 2 — Aumenta o mercado, diminui a freguesia.

RAPARIGA 2 — Egoísta, só pensa nela.

MATILDE — Diminui nada. Quanto mais mulheres, mais fregueses. Os homens gostam de variar. É ou não é, Cara de Anjo? Pode beber, é de graça.

CABO JORGE — *(Ergue um brinde ainda um tanto desconfiado.)* A filial. Que seja digna das tradições da matriz.

MATILDE — Ah, isso vai ser, ora se vai, uma casa de categoria como nem no Rio de Janeiro se vê igual.

CABO JORGE — *(Reflete.)* Mas a parada com o Vigário vai ser dura. Me admira que o Major queira topiar uma parada dessas em vésperas de eleição. Enfim, se já há um bordel, por que não haver outro?

Ouve-se um toque de campainha.

MATILDE — Não, não abram.

CABO JORGE — *(Intranqüilo.)* São eles de volta. Vieram me buscar.

MATILDE — São não. Fique sossegado, eles não vão voltar.

RAPARIGA 2 — Deve ser a freguesia.

MATILDE — A casa hoje está fechada pra comemorar. Nada de trabalho. Nada de homens, a não ser Cara de Anjo.

CABO JORGE — É um privilégio que não mereço.

MATILDE — E pra Cara de Anjo é tudo de graça. Mulher, pode escolher. Bebida, pode beber até cair de porre.

RAPARIGA 1 — Vamos ver se'ê ele dá conta do recado.

RAPARIGA 2 — Tem cara de ser bom de cama.

As prostitutas sentam-se nos joelhos de Cabo Jorge.

CABO JORGE — Isso é coisa que a gente imagina quando é menino, mas que nunca acontece.

RAPARIGA 1 — Qual de nós você prefere, Cara de Anjo?

CABO JORGE — Tôdas.

MATILDE — Então vai com tôdas pra cama.

CABO JORGE — Ao mesmo tempo?

MATILDE — Mas antes vai ter de beber tôda a cachaça que está dentro dêste côco. De uma vez só, sem respirar.

CABO JORGE — Querem ver?

RAPARIGA 1 — Mostra que é macho.

CABO JORGE — *(Levanta-se, apanha o côco.)* Pois lá vai.

Cabo Jorge esvazia o côco, cambaleia e cai de bruços sôbre a mesa. Rapariga 2 tem um acesso de chôro. A campainha volta a tocar, insistente.

MATILDE — Que é isso, idiota! Quer estragar tudo?!

RAPARIGA 2 — Não quero passar o resto da vida na cadeia.

MATILDE — Que cadeia, sua burra. Se foi o Major que mandou. Ele garante.

RAPARIGA 2 — Me deixe! Não quero saber dessa história!
(Sai correndo.)

CABO JORGE — *(Tenta erguer-se, completamente embriagado.)*
Já que não vamos à guerra... *(cai novamente.)*

MATILDE — É sempre uma fresca. Nunca se pode contar com ela.

RAPARIGA 1 — Eu topo. Mas quero sociedade na nova casa.

MATILDE — Dou, já disse, dou sociedade às duas.

RAPARIGA 1 — E depois... que é que nós vamos fazer com êle?

MATILDE — Isso é com o Major. Vamos levar êle pro quarto. Assim êle dorme, e a coisa fica mais fácil.

Ouve-se o ruído de uma janela estilhaçada.

RAPARIGA 1 — Que é isso?

RAPARIGA 2 — *(Entra correndo.)* São elas! As beatas!

Nôvos ruídos, como se a casa estivesse sendo apedrejada.

MATILDE — De nôvo!

RAPARIGA 2 — Desta vez são mais de vinte, e o Vigário vem com elas!

MATILDE — É um Vigário do Cão!

RAPARIGA 1 — Oh, padre excomungado!

MATILDE — *(Vai à janela e xinga.)* Chuçadoras de hóstia! Beatas duma figa!

RAPARIGA 1 — *(Grita também.)* Estão é com falta de homem! Venham pra cá que eu arranjo um pra cada uma!

MATILDE — Vão jogar pedra na mãe!

Uma pedra arrebenta uma vidraça e vem cair dentro da sala, junto de Cabo Jorge.

RAPARIGA 2 — Quase caiu na cabeça d'ele.

RAPARIGA 1 — *(Arma-se com uma garrafa.)* Que entre uma dessas beatas aqui pra ver o que*lhe acontece!

MATILDE — Espera... tenho uma idéia! *(Apanha o estilhaço de vidro. Ri. Volta à janela.)* Isso! Atirem mais pedras! Quebrem tudo, que eu tenho quem pague! *(Volta para junto de Cabo Jorge com o vidro na mão. Rapariga 2 cobre o rosto com as mãos.)*

FIM DO DÉCIMO PRIMEIRO QUADRO

Décimo Segundo Quadro

ANTONIETA, Marília, Matilde, Major, Prefeito, Rapariga 1, Rapariga 2 e Vigário. Este último afastado do grupo. Sobre a mesa, coberto por um lençol, o corpo de Cabo Jorge, entre quatro velas acesas.

MATILDE — Ele estava sentado ali, bebendo, coitado. Estava tão alegre, contando casos... A pedra quebrou a vidraça, um estilhaço de vidro pegou bem aqui *(Mostra a carótida.)*, lá néle. Nunca vi tanto sangue. Parecia uma cachoeira.

ANTONIETA — Quem jogou a pedra?

MATILDE — E quem é que vai saber? Eram mais de vinte, tôdas com o diabo no corpo.

VIGÁRIO — Com o diabo; não. Com o diabo sempre estiveram vocês! Tinham acabado de ouvir missa e receber o Santíssimo.

LILINHA — *(Numa explosão histérica.)* Fui eu! Eu estava com elas! Eu atirei a pedra!

PREFEITO — *(Contendo-a.)* Não diga tolice. Tantas pedras, por que logo a sua?...

LILINHA — Porque eu estava com ódio, estava possuída pelo Demônio mesmo! Queria me vingar em alguém!

MAJOR — *(Para o Prefeito.)* É melhor que ela vá para casa. Você não devia ter deixado ela vir.

PREFEITO — Vamos, filhinha, vamos pra casa. Isto não é lugar pra moça de família.

LILINHA — Eu não sabia que êle estava aqui. Juro que não sabia... *(Sai arrastada pelo Prefeito.)*

MAJOR — Eu não estou dizendo? O senhor exagera nos seus sermões.

ANTONIETA — Está aí o resultado.

VIGÁRIO — Por que não chamaram logo um médico?

MATILDE — De que jeito? Suas beatas não deixavam ninguém botar a cara na janela. Logo que elas foram embora, fui chamar o Delegado. Não encontrei, chamei o Major.

MAJOR — Era tarde. Ele já estava morto. Uma coisa horrível.

ANTONIETA — Não morreu numa guerra de verdade, pra vir morrer numa guerrinha bêsta de mulheres.

MATILDE — Eu não sabia quem era êle. Depois foi que o Major me disse. Meu medo é que o povo venha a saber e se volte contra nós.

ANTONIETA — Contra quem? Só se fôr contra as beatas, ou contra o Vigário.

VIGÁRIO — Foi um acidente, uma fatalidade.

MATILDE — Fatalidade ou não, o homem está aí, morto. E morto por uma pedrada, lançada por uma beata, por instigação do Vigário.

MAJOR — Padre, o senhor é o autor intelectual do crime.

VIGÁRIO — Sejã. Não me arrependo dos meus sermões. E estou disposto a assumir a responsabilidade de tudo.

MAJOR — Não, isso também não é justo. Cada um de nós contribuiu um pouco pro acontecido. A cidade inteira. E ao mesmo tempo que cada um de nós é culpado, ninguém tem culpa de nada. Se êle não tivesse voltado, se tivesse morrido há dez anos, como consta da ordem do dia do seu Batalhão...

ANTONIETA — "Morto em ação". É triste que tenha voltado pra morrer num bordel. E nem ao menos em ação... não foi?

MATILDE — Não, não chegou a isso, coitado.

ANTONIETA — Muito triste.

MATILDE — Mais triste ainda pra senhora, que volta a ser viúva.

ANTONIETA — É minha sina. Ser sobejo de defunto.

MAJOR — Acho melhor abafar o caso.

VIGÁRIO — Abafar, como? Se há um homem morto. Se houve um assassinato.

MAJOR — A vítima já havia morrido há dez anos. E entre as duas mortes, se êle pudesse escolher, com certeza tinha escolhido a primeira. Portanto, seria uma vingança covarde a nossa, dando a conhecer a verdade.

ANTONIETA — Também acho.

MAJOR — Além do mais, não sabe, acho que nisso tudo andou a mão de Deus.

VIGÁRIO — Como?

MAJOR — Quem sabe se não foi Deus quem atirou aquela pedra?

VIGÁRIO — Não blasfeme!

MAJOR — Deus, que vê tudo, deve ter visto que essa era a única maneira de salvar esta cidade da ruína.

VIGÁRIO — Apesar dos defeitos de Cabo Jorge, não creio que Deus tenha decidido sacrificá-lo pra que esta cidade continue tal como é.

MAJOR — E por que não? Não é uma cidade muito mais importante do que um indivíduo?

VIGÁRIO — Cabo Jorge era um homem bom.

MAJOR — Cristo também era. E o Pai o sacrificou pela humanidade.

Vigário põe a estola em volta do pescoço, aproxima-se do corpo, benze-se e murmura uma oração.

ANTONIETA — E nem ao menos um entêrro decente. Vai-se embora, assim, sem quarto e sem sentinela.

MAJOR — As raparigas fazem sentinela.

Vigário acaba de encomendar o corpo e inicia a saída.

MAJOR — Padre? (*Vigário detém-se.*) As cinzas de Cabo Jorge vão chegar da Itália. Conto com o senhor pra cerimônia do benzimento.

Vigário sai sem dar resposta. Rapariga 1 e Rapariga 2 saem em seguida.

ANTONIETA — Você acha que êle vai guardar segredo?

MAJOR — O problema é dêle.

MATILDE — E eu, que faço agora com o corpo?

MAJOR — Vamos dar um jeito de fazer o entêrro antes de amanhecer, pra não dar na vista.

MATILDE — A minha parte está feita.

MAJOR — Deixe o resto por minha conta.

MATILDE — Vou lá dentro aquietar as meninas que estão muito nervosas... (*Sai.*)

ANTONIETA — Vamos pra casa, que eu também estou morrendo de medo.

MAJOR — Não seja bôba.

ANTONIETA — Parece que êle vai levantar dali e acusar a gente.

MAJOR — Acusar de que?

ANTONIETA — Pode ser que você engane ao Vigário com essa estória da pedrada; a mim, não.

MAJOR — Por que não, se é verdade? Então não houve o ataque das beatas ao castelo? Não apedrejaram, não quebraram tôdas as vidraças?

ANTONIETA — Eu sei que tudo isso aconteceu.

MAJOR — Pois então? É absurdo que um estilhaço de vidro tenha matado um bêbedo?

ANTONIETA — Não seria absurdo, se eu não soubesse que a morte dêsse bêbedo era a única solução.

MAJOR — Pra você também.

ANTONIETA — Pra todos.

MAJOR — Então agradeça a Deus que botou o Diabo no corpo daquelas beatas.

ANTONIETA — É, e desde que êle chegou que eu senti que alguma coisa ruim ia mesmo acontecer. A êle ou a mim.

MAJOR — A êle ou a todos nós. É nisso que a gente deve pensar. A êle ou a todos nós, a uma cidade inteira. Não seria êsse um crime muito maior? Matar uma cidade? Não pense que eu não sinto também. Não era de meu sangue, mas era sobrinho de minha mulher. E não era um mau rapaz, apesar dos defeitos.

ANTONIETA — Era não. Dizia coisas bonitas. Gostava de viver. Tão alegre, parecia uma criança.

MAJOR — Mas pense nas verdadeiras crianças. Vão poder crescer felizes, orgulhosas de terem nascido aqui. Vão poder crescer vendo a cidade progredir, ganhar importância. O Vigário diz que ganhamos também muita coisa má. Tem razão. Mas ninguém cresce sem ter sarampo, catapora. É da vida. Da natureza humana. Em compensação, teremos também uma estrada. Iremos daqui à Capital, diretamente, de automóvel.

ANTONIETA — Que bom. Irei a Salvador tôda semana.

MAJOR — E ninguém constrói uma estrada sem sacrificar muitas vidas. É a paga do progresso.

FIM DO DÉCIMO SEGUNDO QUADRO

Décimo Terceiro Quadro

No novo bordel, Matilde, Rapariga 2, Major, Juiz de Direito entre outros, aglomerados, diante de uma porta, disputam a primazia de olhar pelo buraco da fechadura.

VOZES — Espera! Não empurra! Quero ver também!

JUIZ — Como Juiz de Direito, reivindico o direito de testemunhar o ato.

Todos se afastam, resmungando. Juiz cola o olho ao buraco da fechadura. Os outros voltam a acotovelar-se em volta dêle.

MATILDE — Eu acho que esta inauguração devia ter um tom mais solene. O senhor não acha?

MAJOR — É o Brasil, D. Matilde. Ninguém leva nada a sério.

JUIZ — Psiu!... Aí vem êle! Aí vem êle!

Todos se afastam da porta, assumem atitudes corretas. Abre-se a porta, surge o Prefeito, ajeitando a gravata, e logo depois a Rapariga 1. Todos batem palmas. Prefeito agradece com um sorriso.

VOZES — O discurso! O discurso!

PREFEITO — *(Pede silêncio com um gesto.)* Minhas senhoras e meus senhores. Diante do Poder Legislativo, aqui representado pelo Deputado Chico Manga...

Palmas.

...do Poder Judiciário, aqui representado pelo nosso Juiz de Direito...

Palmas, Juiz agradece.

... e do Poder Executivo, que sou eu mesmo, declaro inaugurada esta casa, que é, em seu gênero, uma das melhores do País ou talvez mesmo da América do Sul. E quem diz isso não sou eu, é o Major Chico Manga, homem culto, viajado, que conhece o mundo e está sempre em dia com o progresso.

MAJOR — É isso mesmo. É isso mesmo.

VOZES — Não tem, nem em Paris tem coisa assim.

PREFEITO — Quero declarar também que isto não seria possível sem o espírito empreendedor de D. Matilde, que tanto tem colaborado com o nosso plano de turismo e diversões. Plano que, se Deus quiser, há de fazer esta cidade digna do nome de Cabo Jorge — aquêle que morreu lutando pela democracia e pela civilização cristã.

Palmas.

MAJOR

(Adianta-se, canta para a platéia.)

Assim, senhoras e senhores,
foi salva a nossa cidade.
Com pequenos sacrifícios

de nossa dignidade,
com ligeiros arranhões
em nossa castidade,
e algumas hesitações
entre Deus e o Demônio,
consequimos preservar
todo o nosso patrimônio.

Todos

Assim, senhoras e senhores,
foi salva a nossa cidade.

FIM